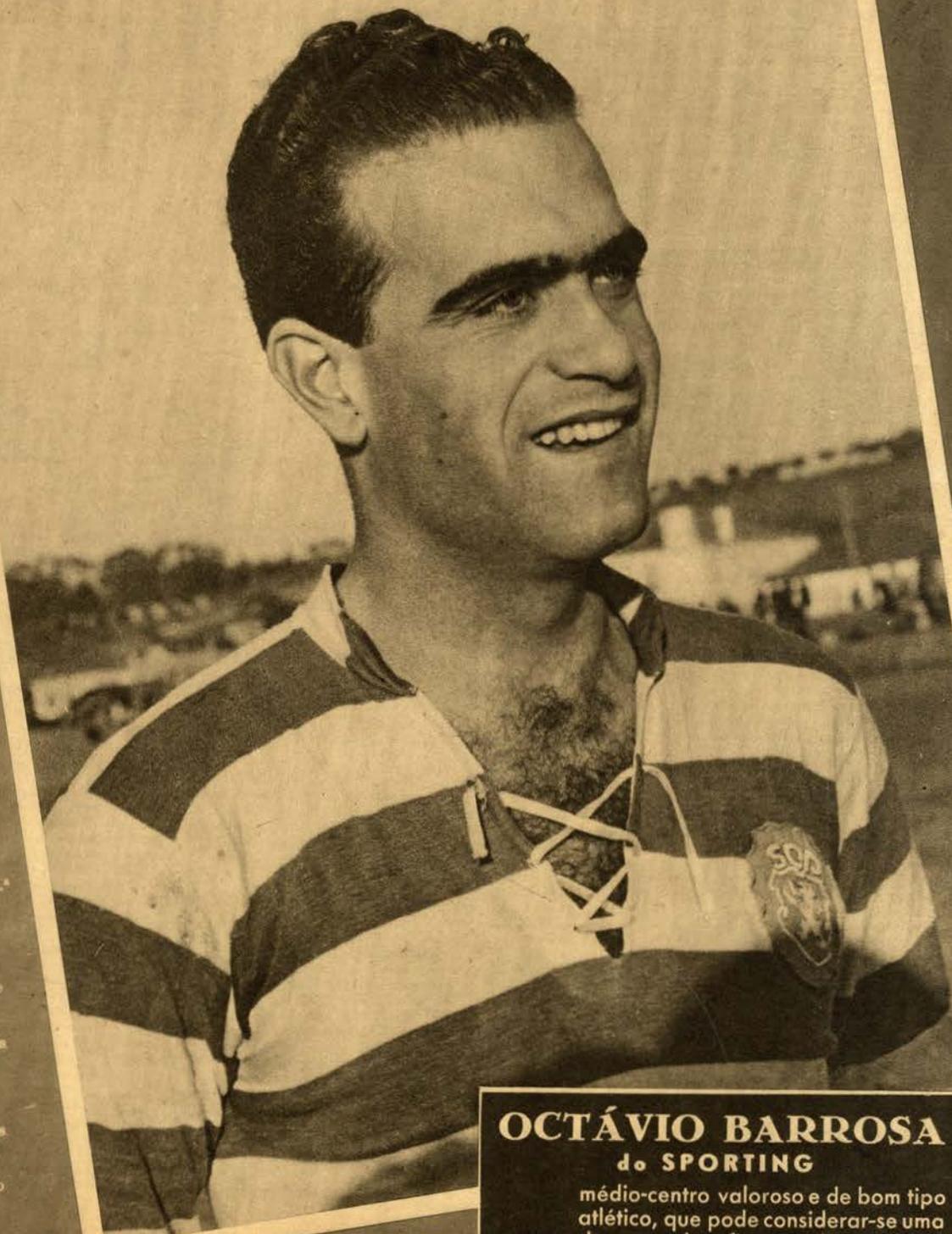


Stadium

N.º 110 * 10 DE JANEIRO DE 1945 * PREÇO 1\$50



VER
NESTE
NÚMERO

«No Mundo
da Bola»

Reportagem da 7.^a
jornada do
Campeonato
Nacional
de Futebol

A sessão de boxeo
no Coliseu

O sarau do Lisboa
Gimnástico

Doze exercícios
gimnásticos
para os lançadores
do péso

A Casa de Repouso
para atletas
do Benfica

OCTÁVIO BARROSA do SPORTING

médio-centro valoroso e de bom tipo
atlético, que pode considerar-se uma
das grandes figuras da moderna
geração de jogadores portugueses

UMA OBRA DE GRANDE ALCANCE

A CASA DE REPOUSO para os atletas do Benfica

na opinião de REBELLO DA SILVA,
da Comissão de Iniciativa e Propaganda

VOLTAMOS hoje ao assunto. Depois de indicada a iniciativa nas suas linhas gerais, julgamos necessária uma exposição circunstanciada acerca da iniciativa e das condições em que se procura dar-lhe rápida realização. Para tal fim recorremos a um dos componentes da Comissão de Iniciativa e Propaganda—e oplámos pelo nosso camarada Rebello da Silva. A Comissão não tem presidente, secretário ou tesoureiro. Não há lugares. Dentro dela, a norma é a divisa do clube— todos por um, e um por todos.

Rebello da Silva, antigo e prezado amigo do jornalista—é o redactor principal do «Sport Lisboa e Benfica», órgão do clube. Bastaria este facto para justificar a sua escolha. E é ele mesmo, também redactor desportivo do «Diário de Notícias» e illustre director dos «Ridículos», quem nos vai dizer o que é a iniciativa, no seu objectivo e nas suas possibilidades de realização.

Rebello da Silva costuma falar claro—e com entusiasmo. Não se escusou a atender-nos, e não foge por certo a estas características. Ouçamo-lo, pois:

UM TÍTULO A CONCURSO

—A «Stadium» disse o que a iniciativa era em síntese—começou Rebello da Silva. É assim, na verdade. Mas posso afirmar também que a ideia tem de merecer a simpatia da massa associativa do Sport Lisboa e Benfica e ha-de pôr em vibração o espirito de coesão do clube. Não é iniciativa que procuremos impôr de cima para baixo. Tem de assentar, como todas as do clube, no seu entusiasmo colectivo. Aceitamos deste modo quaisquer sugestões que tendam a melhorá-la.

«E pômos, logo de principio, perante o interesse dos sócios, o problema do título. A iniciativa vale sobretudo pelo seu objectivo superior e não pela designação. «Casa de repouso», «Colónia de repouso», «Ninho de águas» — o nome, seja qual for, tem de sair do clube, de quem o compõe. O título vai por isso ser escolhido em concurso aberto aos sócios. Todos se podem manifestar, com ampla liberdade, lembrando o que for mais do seu agrado ou o que der melhor ideia do que se pretende fazer.

OS OBJECTIVOS EM VISTA

Rebello da Silva continúa:

—«Pretendemos a construção de uma casa que seja o prolongamento do clube no ambiente de que se revista, em local escolhido, perto de Lisboa, em pleno campo mas com transportes fáceis para qualquer praia. Uma casa para receber, em qualquer altura, um atleta ou sócios que precisem de repouso e que o possam gozar assim, ou atletas que seja conveniente afastar de Lisboa, em estagio, nas vésperas das grandes provas, com regime alimentar apropriado. A necessidade de repouso poderá visar a melhor preparação do atleta ou de qualquer equipa, mas poderá ligar-se também com a convalescença de qualquer lesão sofrida em jogo, ou com a simples ideia de férias para veranico.

«Não será casa de saúde, mas, claramente, casa de repouso, embora sob a vigilância dos médicos do clube. Servirá para descansar, para estagio e para gozo de férias. Haverá lugar para todos os atletas, na medida do possível. A pouco e pouco, por grupos, conforme as disponibilidades de espaço e tempo, todos poderão passar por lá, desde que representem o Benfica em desporto, qualquer que seja a sua categoria como atleta. Não haverá diferença entre «casas» e outras «casas» do barahho...»

«De principio, será reservada unicamente

aos atletas. Mas admite-se a hipótese de poder servir também para sócios do clube, em condições a fixar oportunamente.

O PROBLEMA FINANCEIRO

—Uma obra destas tem de custar muito dinheiro, mas a Comissão de Iniciativa e Propaganda conta com o apoio dos sócios, dos atletas e da direcção do clube.



REBELLO DA SILVA

«Precisamos de todos os sócios e contamos com a sua valiosa cooeração. Temos de recorrer a cada um. Antes das diligências de carácter individual, organizar-se-á, porém, uma série de festivais e espectáculos, com a colaboração de todas as secções do clube. A série em preparação abrange um espectáculo a realizar no dia 29 de Janeiro, no Capitólio, com alguns dos nossos melhores artistas de variedades e teatro que são adeptos do Benfica, entre os quais há antigos atletas do clube, como Eugénio Salvador e António Gonçalves; um festival de «hockey» em patins, com três desafios; um festival de «basketball», também com três jogos entre equipas do Benfica e de outros clubes; e um grande festival desportivo no campo de jogos de clube, com desa-

fos de «hockey» em campo, «volleyball», «handball», «rugby» e futebol, entre equipas do clube e algumas das melhores colectividades congéneres. Organizar-se-á ainda corridas velocipedicas e, na secretaria do clube, provas de tiro, bilhar, «tennis» de mesa e torneios de xadrez e damas.

«Entrarão em actividade, a favor da «Colónia de repouso», todas as suas secções desportivas, todos os sócios e atletas, e simples entusiastas do Benfica. Haverá que fazer durante alguns meses. Mas para a frente é que é o caminho...»

«O ciclo de festas terá, no entanto, um fecho de certo modo imprevisito—uma recita em qualquer dos melhores teatros de Lisboa, com uma revista teatral de ambiente benfiquista, escrita, musicada e interpretada exclusivamente por gente do clube. Não é proeza fácil... Estamos porém convencidos de que, num clube tão grande, com tão elevado número de sócios, não será difficil arranjar quem se preste a escrever a revista do Benfica, feita por gente do Benfica e representada por artistas e sócios do Benfica.

ALGUNS NOMES A FIXAR

A entrevista podia fechar aqui, com esta nota acerca do encerramento do ciclo de festas em preparação. Mas Rebello da Silva quis levar mais longe a sua gentileza para com a «Stadium», falando, ainda, das possibilidades de realização da «Revista do Benfica».

E informa-nos:

—Contamos três elementos de longa experiência como autores dramáticos—Felix Bermudes, antigo jogador e dirigente do clube, e que constituiu, com João Bastos e o falecido Ernesto Rodrigues, uma parçaria que ficou célebre no teatro português, em peças de todos os géneros; Carlos Alberto de Figueiredo, antigo director do Benfica, com o seu nome ligado a várias revistas; e Anibal Nazaré, sócio do clube e escritor teatral em plena actividade. E há ainda outro elemento já experimentado, com êxito, em revistas levadas à cena no palco da sede, em Benfica—António Ribeiro dos Reis, o conhecido e conceituado técnico de futebol, antigo seleccionador nacional do popular desporto e nosso prezado colega no jornalismo desportivo.

«Entre os músicos esperamos registar especialmente a preciosa colaboração de Campos

(Continua na pág. 15)

UMA INICIATIVA DE CARÁCTER VERDADEIRAMENTE POPULAR!

«Stadium» vai publicar em separata OS EMBLEMAS DOS CLUBES DESPORTIVOS de todo o País, fielmente reproduzidos a cores!

ESTÁ ainda presente no espirito de todos os nossos leitores o êxito que representou a série de reportagens gráficas publicadas pela STADIUM sobre os clubes que disputaram o campeonato nacional de futebol e a «Taça de Portugal», na época passada. Nunca no nosso País se havia feito, com tanto desenvolvimento, um trabalho de tal género. A colecção constituída pelas separatas que oferecemos aos nossos leitores e a todos os entusiastas do popular desporto, nas quais sobressaem as telermias representando as melhores equipas de Portugal continental, forma um conjunto curiosissimo de consultar no futuro.

Pois STADIUM dá-lhe início, dentro de algum tempo, a nova publicação de separatas, que oferecerá também aos seus leitores sem qualquer aumento de preço, e que representará nova iniciativa, esta de carácter ainda mais popular e por isso de maior interesse para toda a população desportiva do País: é de muito maior projecção, encerra inegável cunho artistico e interessa directamente a todas as federações, associações e clubes—numa palavra, a todas as principais colectividades que se dedican à causa da educação física em Portugal.

Trata-se, nada menos, de publicar OS EMBLEMAS DAQUELAS COLECTIVIDADES, NUMA REPRODUÇÃO A CÔ-

RES E COM TODOS OS PORMENORES! Esta colecção, verdadeiramente inédita, constitui o mais valioso e original arquivo que é possível formar em matéria de divulgação associativa em desporto!

Oportunamente serão fornecidos mais elementos de informação. Por agora, basta dizer que já nos dirigimos a todos os clubes filiados nas associações de futebol do país, ilhas e provincias ultramarinas, solicitando a remessa, ATÉ O PRÓXIMO DIA 31, de um desenho do emblema ou escudo da colectividade, no formato mínimo de 15 x 10 cm., desenhado em as respectivas cores, ou a preto, mas neste caso com a localização exacta daquelas cores. Deve também ser-nos indicada a data da fundação do clube.

A pouco e pouco dirigirmos-nos às colectividades que cultivam todas as outras modalidades desportivas. No entanto, aquelas que queiram antecipar-se ao nosso pedido podem enviar-nos desde já os seus desenhos e indicações, obedecendo aos pormenores que fornecemos acima.

Pelo exposto, os nossos leitores serão os primeiros a dar-nos razão ao afirmarmos que estamos antecipadamente certos de que esta nossa nova iniciativa, tão desinteressada como a anterior, obterá em todos os recantos do País a mais ampla e justificada popularidade!



NO MUNDO DA BOLA



PELO "JORNALISTA DESCONHECIDO"

A PROPÓSITO DE...

Há resposta para tudo...

NAS ESCOLAS E NOS CLUBES

CAMPEONATOS e JOGADORES

Divagando sobre o tema «NAO HA JOGADORES...»

TÉM-SE acumulado na nossa mesa de trabalho várias «preguntas». Um verdadeiro monte de interrogações. Desviados para outras preocupações, não lhe temos podido dar a atenção que o interesse suscitado por este Secção bem merecia. Prometemos no próximo número publicar uma lista longa de «respostas». E continuaremos na sua publicação até à normalidade.

O árbitro António Palhinhas esclarece-nos

António Palhinhas, conhecido árbitro internacional de futebol, a propósito de uma «resposta» publicada nesta Secção diz-nos que tomou conhecimento da sua eliminação dos quadros de árbitros pelos jornais; que nunca foi ouvido; e que se demitira de árbitro em 27 de Dezembro de 1943, tendo a C. C. A. sancionado o seu pedido de demissão.

Termina a sua carta, que resumimos, com a seguinte afirmação: *Aqui fica o necessário esclarecimento, para que não se julgue que a eliminação se deu por falta de honestidade, incompetência, ou coisa equivalente.*

Já o sabemos. Consideramos António Palhinhas incapaz de uma acção menos digna.

Porque deixou Teus o cargo de seleccionador...

Eduardo Teus, o grande jornalista do país vizinho e técnico dos mais apurados, demitiu-se do cargo de seleccionador único de futebol em Espanha pelo facto das entidades superiores considerarem aquêle cargo incompatível com o de jornalista...

Aparentemente, ou formalmente, eis a causa. Para o facto deve ter contribuído, porém, o seguinte:

No regresso a Espanha, depois da derrota em Itália, Eduardo Teus, com o seu peculiar desasombro, produziu várias e interessantes declarações, vistas com desgosto pelas entidades dirigentes. Nesse momento—Eduardo Teus estava demitido...

O «interior» ideal

Realizou-se há pouco, em Espanha, um desafio de homenagem a Escola, o *interior* do Barcelona. O jogador que conseguiu o empate no último Portugal-Espanha, nas Salésias, vê o futebol de hoje mais rápido do que o antigo, dizendo que o *interior* ideal no futebol seria aquêle que refinsse as condições de Herrerita, pela sua rapidez, de Campos, pela colocação, e de Alonso, pelo remate.

HÁ a impressão, porventura certa, de que aparecem no futebol português, época a época, poucos jogadores novos. Antigamente—a quantidade era maior.

É que, nesses tempos, havia um género de campeonatos que dava muitos valores ao futebol. Um deles era o das escolas secundárias. Em todos os liceus jogava-se com frequência, desenvolvendo-se campeonatos internos, seguidos com o mais vivo dos interesses.

Ao tocar-se nesta orientação é justa salientar o nome do sr. comandante Carlos Vilar, que no Liceu de Pedro Nunes fizera «escola», lançando as bases da organização do futebol escolar. Dos campeonatos internos entre as várias turmas e os diversos anos, destinados a apurar o grupo representativo, passava-se, em seguida, para o campeonato escolar, disputado por muitos *teams* e dando jogos de verdadeira classe. Quem não recordará com emoção os encontros entre o Pedro Nunes e a Casa Pia, e contra o Passos Manuel e contra a Escola Académica?

As escolas eram fábricas. Os estudantes ingressavam mais tarde nos clubes, valorizando o futebol. O Colégio Militar e os Pupilos do Exército distinguiam-se.

A tradição dos campeonatos escolares foi, em certa altura, interrompida. A isso conduziu a proibição de jogar o futebol não só nos liceus como noutros estabelecimentos de ensino. Julgamos que o facto afectou poderosamente e perniciosamente o jogo.

Por felicidade, há dois anos, a «Moidade Portuguesa» fez reviver esses campeonatos, apresentando-se alguns *teams* bem adestrados e com rapazes cheios de habilidade e intuição. Certo, tais competições hão-de fornecer sangue novo ao futebol.

Outro género de torneios que também descobria muitos jogadores era o campeonato interno de clubes. Quasi todos organizavam provas abertas aos seus ócios e simpatizantes, enchendo-se os campos de uma multidão de praticantes. Também o hábito se perdeu. A necessidade de maior preparação dos *teams*, para suportarem o esforço de competições longas e duríssimas, afastou aquelles ainda na fase da iniciação da bola.

Os campos, antigamente, eram de todos os sócios do clube. Vul-

gar, mesmo, meia dúzia de amigos juntar-se ocasionalmente na Baixa e subir aos campos, a dar pontapés e a «chutar» às rédes.

Tudo passa. Hoje, qualquer sócio de clube não se atreverá, satisfazendo a sua vocação, a comparecer no campo e a pedir uma bola!

Parece-nos que, na verdade, os clubes poderiam voltar à organização dos seus torneios particulares e internos, abrindo as portas a todos os simpatizantes. Dir-nos-ão que, em todos os começos de época, assim se procede...

E coisa bem diferente. Agora, um rapaz que aparece pela primeira vez, ainda sentindo-se mal nas botas de futebol e com tudo estranho à sua volta, faz um treino sob a vista examinadora do técnico—e a sua sentença é ditada num julgamento precário. Ou fica, ou vai-se logo embora, finda a primeira e única experiência. Quantos jogadores não têm os clubes perdido mercê deste processo. Quantos!

Qualquer dirigente de boa-vontade dentro dos clubes poderia dar-se com êxito à realização deste género de campeonatos. De certo nenhuma direcção lhe poria embaraços. O exemplo do que se passa no Barreiro é eloquente. Ali, todos jogam à bola e os campos são franqueados, havendo constantemente desafios entre vários *teams*.

Já agora não queremos findar este arrasado sem pôr em relevo a iniciativa do Clube Internacional de Futebol, organizando um torneio de futebol para amadores. Porque é que todos os clubes, mesmo os Grandes, não se interessam pela iniciativa, enviando um ou mais concorrentes à prova? Pois não será possível a um clube com milhares de associados, e uma camada de adeptos de muitos milhares de pessoas, organizar um *team* de jogadores-amadores?

Julgamos que sim. Pôr a funcionar todos estes campeonatos parece-nos o caminho seguro para se descobrirem e prepararem novos jogadores. Se os organismos dirigentes e os clubes reconhecem a necessidade de *alimentar* o futebol—o campeonato de júniores avulta, como esplêndida iniciativa—porque não lançar mão de todos os meios para o fim em vista?

Cruzar os braços, afirmando que não há jogadores, é que não ata nem desata!

Idéias próprias e alheias

O sr. Manuel Monteiro, com a autoridade que lhe dá o seu cargo de componente da Comissão Central de Arbitros, apresentou publicamente um depoimento sobre o sistema de arbitragem em diagonal, cuja vantagem sobre todos os outros reconhece *arbi et orbe*, mas por enquanto muito deficientemente aplicado em Portugal.

Ora o sistema foi introduzido pela comissão de Lisboa, certamente há mais de quatro anos ou épocas, e apesar disso ainda é mal executado e compreendido.

Porque insistir num sistema de tão difícil aplicação (isto dando já de barato a excelência do método)?

Todos os sistemas são bons—pode dizer-se. Dependem, é evidente, da sua aplicação na prática e da competência das pessoas encarregadas dessa sua aplicação.

Escartin frisa que, em Espanha, quasi todos os guarda-rédes provocam *jogo perigoso*, e que são eles, na maior parte dos casos, os que deram origem às suas lesões. Também em Portugal sucede o mesmo. Os guarda-rédes *mergulham* aos pés dos avançados—como se competisse a estes fugir do seu caminho!

Pepe Bienvenida, grande aficionado e praticante entusiástico de futebol, não acredita no antagonismo do futebol com as corridas de toiros, entre outras razões porque...

Como espectáculo, os toiros e o futebol completam-se. As corridas têm lugar no verão, enquanto que o futebol é desporto essencialmente de inverno. Portanto, não pode haver competência entre ambos. E dá-se o caso de haver aficionados tauromaquicos que, ao acabar a temporada de toiros, acorrem aos campos de futebol—e vice-versa: os adeptos do futebol enchem as praças durante o verão...

Soeiro prepara

os futuros jogadores do Sporting

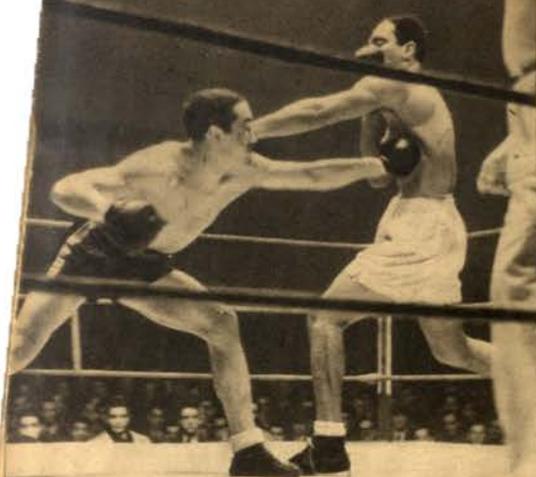
A notícia é esta: Manuel Soeiro Vazquez, o conhecido interior do Sporting, cuja figura esteve ainda há pouco tempo em foco, freino os «juniors» do Sporting, preparando jogadores para o futuro dos *teams* de representação clubista.

—E Szabo? Não continuará como treinador?

Resposta simples: A direcção do Sporting, ao incumbir daquela tarefa o seu antigo jogador, tem em vista dar ao treinador Szabo mais tempo para cuidar das outras equipas do clube.

Não há, portanto, nesta decisão sportinguita, qualquer melindres para um lado e para outro.

Sabemos que Soeiro se está a devotar de alma e coração, tal como jogador, à sua delicada missão, notando-se já maior frequência de jovens elementos. Todos os rapazes que mostrarem habilidade serão submetidos a metódica preparação e aproveitados de futuro.



BOXE
Larzen
*Confirma
 ser melhor
 que*
A. SOUSA
dinica de
**RAFAEL
 BARRADAS**

COM uma sessão levada a efeito no Coliseu dos Recreios, a sala Central de Desportos inaugurou a temporada de inverno do pugilismo lisboeta.

O programa que, dentro das possibilidades actuais do meio, podemos afirmar não seria facilmente excedido quanto a protagonistas levou ao soberbo recinto das Portas de Santo Antão grande afluência de público, como nos bons tempos de alguns anos atrás.

Antes de mais nada, devemos confessar que o desempenho dos artistas nos desapontou, não correspondendo às perspectivas que seriam legítimo imaginar antecipadamente.

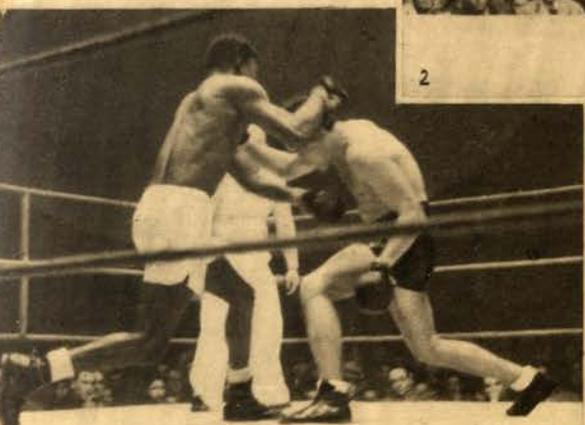
A mais emotiva pugna da noite pertenceu ao moçambicano Jorge Larzen (66,2 k.) que derrotou, de modo a não deixar quaisquer dúvidas, o antigo campeão Augusto de Sousa (67,8 k.). Larzen fez um esplêndido combate, exibindo grande intensidade boxística. Guardando-o bem e cerradamente, preparou sempre as suas entradas da direita com um efectivo trabalho do punho esquerdo, em *directos* e *jabs*, que além de abrirem a já pouco fechada guarda de Sousa, mascararam o trajecto do outro punho. Só a meia-distância e em *corpo-a-corpo* o trabalho de Larzen nos desagradou, pela insistência das suas falhas — travar e bater, golpear com o antebraço e cotovelo, etc. — que observadas por um árbitro intransigente lhe trariam profundos dissabores ou uma radical modificação do sistema.

O traço mais característico do desempenho dos seus golpes é a perfeita individualidade dos mesmos, o que, como se sabe, consiste em os executar com maior clacissismo, sem os abastardar. A trajectória do punho direito, em *hook* — caminhando pela via mais curta e interior — colherá sempre os antagonistas como Sousa e Figueiredo, que trabalharão em *hooks*, dados com balanço, que descrevem percursos largos pelo exterior.

Para nós, Larzen tem condições para ir mais além que qualquer outro meio-médio nacional, excepto Levi, dependendo no entanto da condição visual sua carreira no «ring».

Sousa foi claramente batido e esteve a ponto de ser por *knockout* ao 5.º assalto. O primeiro round, de estado, foi lento e igual; o segundo coube a Sousa, por leve diferença. Ao terceiro, a luta animou-se e trocaram-se socos duros de parte a parte. No 4.º assalto, Larzen tomou a iniciativa das operações e daí em diante dominou em absoluto, atirando mesmo o seu antagonista ao solo, a 5 segundos

1 e 2 — Dois aspectos do combate entre Larzen e A. Sousa, nos quais se verificam situações opostas para ambos os contendores...; 3 — António Silva e Wilson batem-se; 4 — Fase na luta entre Sousa II e Teixeira; 5 — No combate V. Rocha — G. Martins;



do fim do 6.º round. Só no 9.º assalto o vencido deu réplica assaz contundente e terminou derrotado sem apelação.

O combate entre António Silva (65 k.) e Carlos Wilson (63,7 k.) foi o mais monotono e insípido do programa e bem contra todas as previsões. Silva devia — moral e fisicamente — ter ganho o encontro, mas apresentou-se mal preparado (o fôlego faltou-lhe a pelo 5.º assalto...) e sem plano preciso de batalha. Executou um trabalho muito inferior ao que lhe víamos fazer contra Miguel França, abusando dos *swings* com corrida e procurando o soco definitivo sem o poder aplicar. Wilson foi, como sempre, aliás, duro encaixado e bateu um pouco ao sabor do

ocaso. Os esgares e carantonhas, a par de simulações desnecessárias de estar em dificuldade, não iludem senão os ingénuos e aborrecem quem vê. Além de que, no quadrângulo, são interditas as palhaçadas e Wilson pode ser multado ou desqualificado se não tiver a indispensável compostura.

A decisão dos juizes concedendo a vitória ao moçambicano, surpreendeu-nos. Silva foi o atacante quasi permanente e quem mais duramente socou. Tratando-se de dois jogadores sem esgrima, os factores da decisão apreciáveis eram simples de avaliar; o número de golpes trocados, a imposição da ofensiva e a dureza do golpe, foram, durante 60 por cento do tempo total, apanágio de António Silva...

Enfim, o empate seria mais equitativo...

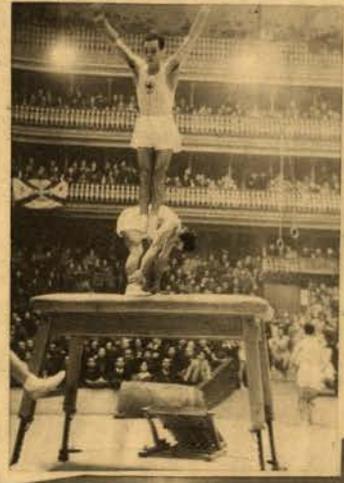
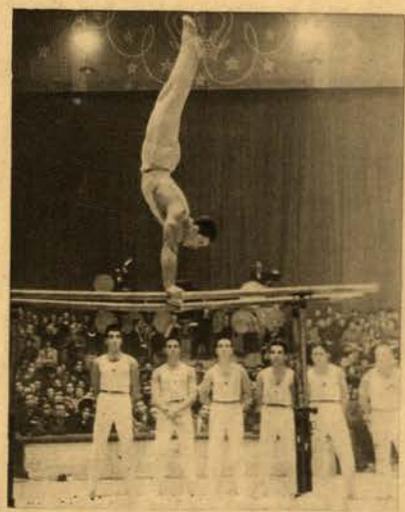
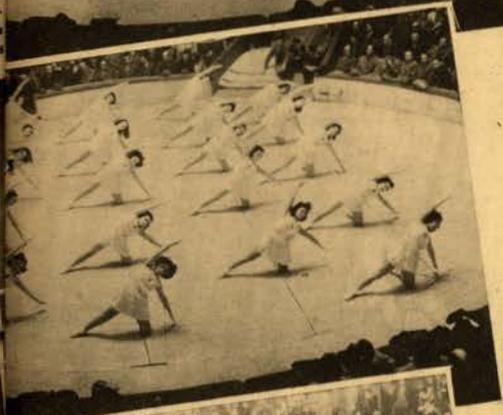
O público influu, mais uma vez, desastrosamente, no espírito dos juizes? É crível que sim. E, visto termos de abordar o assunto, seja-nos permitido pôr em foco a insuficiência mental de muita gente, dando todo o apoio a uma creatura de raça diferente e não dispensando o mesmo tratamento e simpatia ao pugilista da sua cor. Complexo de inferioridade accentuado e lamentável, que denota pouco desportivismo...

Os restantes encontros foram bom complemento dos principais. Guilherme Martins (63 k.) voltou a derrotar Valente Rocha (63 k.), por abandono ao 5.º round, prestando sofrer da mão direita. Evidentemente que a fractura de há tempos não consolidará integralmente e constituirá um

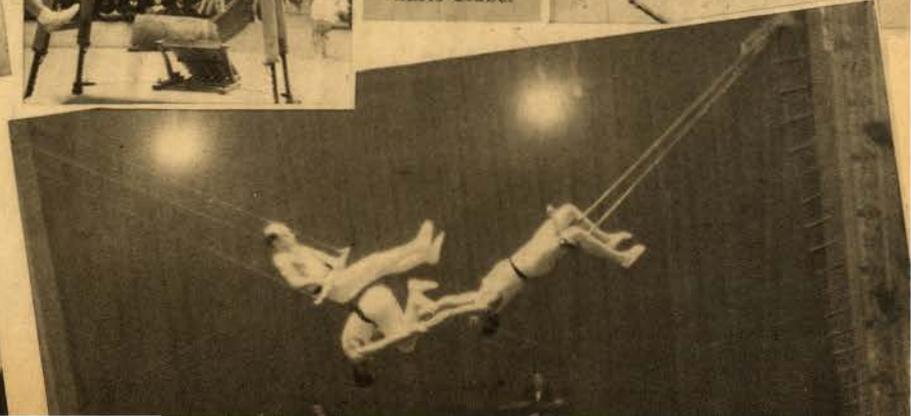
(Continua na página 15)



O Sarau do Lisboa Ginásio



EM CIMA, A DIREITA: Os aplausos do venerando Chefe do Estado e dos srs. ministro das Colónias, director geral de Educação Física e Desportos e general Amílcar Mota. Nas outras gravuras, aspectos da bela exhibição das classes do Lisboa Ginásio Clube.



O GRANDE CAMPEONATO

Benfica, mais isolado, à cabeça

Sporting, na curva da recuperação

As surpresas da 7.ª jornada

Crónica de TAVARES DA SILVA

A 7.ª jornada do campeonato nacional de futebol acentua o princípio de que todos os encontros são difíceis. O que se joga seguro e com posição inatacável — engana-se. Um golpe de sorte, uma lesão, um permenor, e tudo muda como que por encanto. Os mais fracos, e de menos classe, transformam-se em mais fortes e ainda mais poderosos sob o ponto de vista técnico, e vice-versa.

As dificuldades do jogo amentam no campo do adversário. Aqueles que negam o valor do ambiente — não querem ver a verdade. Os espanhóis, no seu critério de que os torneios se ganham com os pontos conquistados na casa do adversário, têm inteira razão. Por isso mesmo, a vitória daqueles que vencem no campo do adversário aparece como proeza.

Os resultados apurados foram os seguintes:

Belenenses.....	2	—	Sporting.....	4
Vitória (Setúbal).....	3	—	Benfica.....	8
Pórtio.....	2	—	Académica.....	4
Vitória (Guimarães).....	2	—	Olhanense.....	1
Estoril.....	4	—	Salgueiros.....	0

Ao que parece retoma-se o fio da tradição, todo se encaminha para a velha luta Benfica-Sporting. Com as reviravoltas próprias da competição e um futuro que se apresenta cada vez mais nebuloso, não há dúvida que os dois Históricos de Lisboa atravessam a prova pensando no outro.

O Benfica mostra-se preparado, física e tecnicamente, para a conquista do título. Não quer dizer que se trate de um problema resolvido. Todavia, o clube que tem a água como símbolo é daqueles que sabe agarrar-se a uma posição, não a perdendo sem tremenda luta. O que se passou nos Arcos elucida o caso. Há poucos clubes em Portugal, talvez nenhum, com um espírito tão combativo e capaz de dar a volta, mesmo quando tudo parece indicar que ela não se dará. O Benfica reage, vibra e luta. Cal no campo exausto. Então se considera batido. Só quando a ordem do árbitro indica o momento do fim.

O Sporting, após a série inicial das derrotas, que porventura fizeram bem ao *team*, despertando-o do letargo, redobra de esforços — espreitando um desastre do seu mais directo adversário de todos os tempos e procurando por sua vez não escorregar. É sintomático isto, que se observa nos últimos tempos: por mais que todos os outros lutem, a questão vem a resolver-se entre os dois colossos.

Em caminhada tão difícil, é de salientar o comportamento da Académica, conseguindo fazer no Pórtio aquilo que, oito dias antes, o Benfica não conseguira. Sobemos que a Académica possui, por assim dizer, um *team* em preparação, pondo nêe grandes esperanças. Esta vitória de domingo passado, reforçando a confiança no seu mérito, indica que essas esperanças não são infundadas. Regosiamonos com o facto. Há um clube, o des capas negras de Coimbra, que se vem juntar a alguns da província para tornar mais apouquenda e difícil a vida dos grandes — senhores todos poderosos sobre a terra.

É de descer da Vitória (Setúbal) e do Olhanense, lá porque um perdeu na sua casa e o outro deixou pontos em Guimarães? O valor não se perde de um momento para o outro. As derrotas são as coisas mais normais em competições como a nacional. Não devemos descer de dois *teams* que tiveram percalços. A todos poderá acontecer o mesmo.

O Belenenses diminuiu de cotação. O Pórtio, com a atenuante do seu forçado alinhamento, sofreu um «desaire» que procurará, certamente, apagar no futuro. O Estoril mentem-se no seu posto. Quem sabe, então? A Académica e o Vitória (Guimarães). Salgueiros perde de vista todos os outros.

De resto, isto pouco interessa. Em quasi todas as competições, e em toda a parte do mundo, há um aspecto que dá a imagem da tragédia: a luta no último posto. Faga que tem sempre qualquer coisa de emocionante e dramático. Em Portugal, não. Entre dez concorrentes, ser 2.º ou último — não aquece nem arrefece. Está certo? Tal como o torneio é delineado, sem dúvida. Há muito, porém, que o problema carece de estudo. Para que se apure am campeão da Segunda Divisão? Qual a desvantagem de ocupar o lugar da lanterna vermelha na Primeira Divisão?

Excelente 1.ª parte quanto a jogo e velocidade

Barrosa e Peyroteo em relêvo

O desfalco das Salésias, visto em conjunto, não pode deixar de satisfazer em qualquer dos aspectos a ter em conta: técnica, velocidade e energia. Tudo isto dentro do chamado sistema de posição. A primeira parte foi excelente. Ora se todos os desafios nos dessem 45 minutos de bom jogo já era caso para viva satisfação. Logo nos parecia, dada a singular velocidade do primeiro tempo que o jogo teria de abrandar depois. Lástima que, além desse abrandamento, se tivesse verificado transformação no jogo, passando-se do método rasteiro e de precisão para o lance impreciso da bola no ar — quantas

vezes em *balão*, coisa que fazia a delícia do futebol antigo mas que hoje é verdadeiramente intolerável.

Qualquer dos grupos desceia ao terreno com a idéia de se impor no começo — fórmula de dominar durante o resto do encontro. Foi o Sporting que conseguia o intento, não só em *goals* como no aspecto futebolístico. Organizando bem o seu jogo, com as suas unidades em tarde de acerto, os *leões* actuaram com indiscutível autoridade, como que dando ordens na casa do adversário. O Belenenses resistia, não convencido da superioridade do grupo visitante, mas a sua organização não mostrou a ligação e firmeza necessárias.

O caso do guarda-rêdes (Acácio) está a exercer grande influência no *team*. Traz em alvoroço a defesa. E as restantes unidades deixam-se insensivelmente penetrar pelo desalento. Guarda-rêdes que raciocina tardiamente, e que só vê os seus erros quando não os pode emendar, sugere o *team* a grandes apuros. Sendo manifesta a influência de Acácio, não se deve esquecer que grandes culpas cabem no trio avançado de Belém que, incapaz de romper pela muralha adversária à força de peito, e tendo capacidade para tornar as dificuldades, não se dá a um trabalho eficiente, perdendo-se os três elementos em passagens de ans para os outros sem progredir no terreno ou não preparando a sorte do remate final, dando sempre tempo a que a defesa contrária intervenha com êxito. A verdade acacia de que os desafios se ganham marcando bolas — mais uma vez se repete. Ainda, apreciando o grupo de Belém, devemos elogiar o excelente trabalho de Feliciano, e também o de Rafael, o único avançado perigoso.

O Sporting brilha em conjunto. Com mecânica perfeita. Ajustadíssima. E algumas unidades em plano de grandeza. É assim que nos surge Octávio Barrosa, a médio-centro, e nos recorda a opinião espanhola de que Portugal é um país de grandes eixos de linhas medulares. Tipo de jogador da base atlética, com uma juventude vigorosa, supre a deficiência da colocação, manifesta, por vezes, com o apêgo à luta e faculdade de emenda. Pode dizer-se que Barrosa foi, nas Salésias, o verdadeiro eixo, aquele que coordena e orienta o esforço de todos.

Por sua vez, o avançado-centro Peyroteo, na linha da frente, transformou-se mais uma vez na grande figura, para êle convergindo todos os olhares. Peyroteo colocou diante da técnica esta verdade: que sabe ser terrivelmente prático, e também distribuir jogo, orientando um ataque. Teve, mesmo, lances de pormenor da melhor escola de filigrana. Mas todo o grupo sportingista campriu.

Da arbitragem de Carlos Canato há que dizer que, se não fôra a sua experiência, o desafio poderia ter acabado mal, porque os ânimos aqueceram muito, dada a importância do resultado. Canato não conseguiu, como de outras vezes, uma arbitragem perfeita. Mas o seu especial *savoir-faire* salvou o desafio. Teve ainda sob os seus ombros a responsabilidade da tarefa de am dos juizes de linha (João dos Santos Junior), que interveio na partida somente com erros, dando a ilusão de parcialidade. Nem queremos discutir se o *goal* do Sporting, anulado, o foi bem ou mal. O *goal* parecia-nos o mais limpo dos *goals*. Esta orientação, porém, de um árbitro marcar uma bola, sem que o seu espírito não haja a menor dúvida — o árbitro é o único juiz — e depois modificar a sua decisão por causas que êle próprio não viu, parece-nos orientação a combater. Critério de reprovar.

A prodigiosa recuperação do Benfica
Grande partida de futebol

Quando chegou ao intervalo — o Vitória (Setúbal) venceu por 3-1. Merecidamente. É certo que o Benfica fôra manifestamente infeliz nalguns lances de remate. Mas o *team* setubalense afirmou a superioridade. Com ligação e as suas unidades pondo na luta excepcionais qualidades de energia e tenacidade, distinguindo-se o bom trabalho e a inteligência dos interiores. Tudo isto em tal medida que a deficiência do médio-centro (Jordão) veio ao de cima, provocando as maiores dificuldades à defesa. Ainda por cima, o Vitória (Setúbal) dispôs de um homem de grande remate, êle, só, capaz de fazer um resultado.

O Benfica operou as mudanças de lugar que a primeira parte aconselhava: Moreira para o lugar de Jordão, e Rogério para o de Brito. Todavia, nada disso daria resultado se o *team* não entrasse no campo com o firme desejo de recuperação, não querendo perder uma posição já conquistada. Como um bloco, o *team* actuou excelentemente, tudo lhe saindo bem, como que por encanto. Tendo melhorado os interiores, o extremo Espírito Santo desenvolveu jogadas fulgurantes. Os lisboetas jogaram com tal autoridade que o grupo setubalense se desuniu, vendo-se na necessidade de aceitar o domínio do adversário. Quando o Benfica chegou ao empate (3-3), e isso deu-se na fase do começo, a vitória já não lhe poderia fugir. Era o mais difícil, chegar ao empate. O resto, o mais fácil. O caminho dos *goals* estava aberto. De certa altura em diante, os *goals* são conquistados com incrível facilidade. Foi o que se deu.

Acente-se a beleza do jogo desenvolvido no campo dos Arcos. Numa altura em que se diz que o jogo de posição tira beleza ao futebol, o Benfica consegue uma exibição magnífica e completa, um dos melhores jogos de toda a sua vida. E, no entanto, o Benfica é um dos adeptos mais convencidos desse processo técnico de futebol. Quer dizer, a prática encarrega-se de responder aos que vêm ao método só inconvenientes.

(Continua na página 15)

II DIVISÃO NACIONAL

Desportos de bola

TRINTA e oito desfilos de norte a sul do País — lentos foram os que comportou a quinta «ronda» do campeonato nacional da II Divisão. Assim se verifica que a competição decorre com acentuada regularidade, esforçando-se cada um dos concorrentes por firmar a sua posição o melhor que os adversários lho consentem.

No último domingo a vantagem foi claramente para as equipas visitadas, pois 26 dos encontros foram ganhos por grupos que jogavam em casa. Como houve dois empates, concluiu-se que 10 visitantes regressaram a casa vitoriosos; Marcaram-se 197 «goals» e só num encontro deixaram de se registar lentos.

Anotou-se boa percentagem de resultados expressivos e especial simpatia dos vencedores pelo número oito, pois em cinco desfilos os clubes que venceram chegaram a essa conta; Houve dois clubes que atingiram a casa dos 10, e um — os «encarnados» de Castelo Branco — atingiu a dúzia, acreditando-se do melhor «score» da jornada.

Do norte para o sul, analisemos sucintamente o actuação das equipas que se exibiram:

No grupo A, colocamos em primeiro lugar a boa vitória do Boavista sobre o Sporting de Braga, mais pela sua nitidez do que por qualquer outro motivo. Depois do grupo do Bessa, merece referência o União de Lamas, cujos avançados estão a revelar-se muito eficazes: em dois desfilos — doze «goals».

As réplicas oferecidas pelo Infesta e Desportivo das Aves, respectivamente ao Fomalição e Leça, são também de salientar. O Académico e os Leixões, jogando em casa, confirmaram os créditos de equipas mais categorizadas do que os adversários.

Resultados: Vianense-Vila Real, 3-3; Gil Vicente-Romaldense, 2-1; Boavista-Sporting de Braga, 5-0; Infesta-Fomalição, 1-3; Aves-Leça, 0-1; União de Lamas-Avintes, 8-3; Académico-Ovarense, 3-1; Leixões-Sporting de Espinho, 3-1.

No grupo B, a U. D. Oliveirense continua a afirmar-se como concorrente com pretensões. A sua vitória sobre o Beira-Mar não deixa margem para dúvidas. O União de Coimbra e o Lusitânia de Lourosa continuam a dar boa conta de si. Os «encarnados» de Viseu atenuaram a sua impressão deixada pela «sida» anterior. O Comibricense mereceu triunfar do Marinhense. O Alhandra foi bom adversário do União Operário de Santarém e os dois clubes de Lisboa — Sacavenense e C. U. F. — venceram e convenceram, mormente os sacavenenses.

Resultados: Oliveirense-Beira-Mar, 10-3; União de Coimbra-Académico de Viseu, 4-0; Lusitânia de Lourosa-Tondela, 4-0; S. L. Viseu-Anadia, 3-0; Comibricense-Marinhense, 4-2; Alhandra-União Operária, 0-1; Sacavenense-Sporting de Tomar, 8-1; Águia Vilafranquense-C. U. F., 1-5.

No grupo C, os clubes de Lisboa estiveram em evidência. Fósforos, Futebol Benfica, Operário, Marvilense e Olivais foram vencedores. Os dois primeiros dominaram os adversários; os dois últimos foram menos convincentes e o Operário, visitante, possuiu um escolho dos mais difíceis.

O Casa Pia, vencido, foi bom adversário de uma equipas que pode ser considerada das melhores — senão a melhor — do Ribatejo. O que mais surpreende é a derrota do Chelas, em frente do Luso, ainda que tenhamos de pensar na melhoria dos barreirenses.

O Almada continua invencível no cabo de queiro «seldas». Está decididamente a fazer boa prova, tal como o Torreense que regressou de Alcobaca vitorioso.

Resultados: Alcobaca-Torreense, 2-5; Marvilense-Peniche, 3-1; F. Benfica-Leões de Santarém, 6-1; Operário Vilafranquense-Casa Pia, 2-1; Olivais-Onze Unidos, 2-1; Seixal-Gimnásio do Sul, 1-0; Chelas-Luso do Barreiro, 3-5; Fósforos-Comércio e Indústria, 8-0; Barreirenses-Aldegalense, 8-1; Almada-União Piedade, 1-0; C. U. F. (Barreiro)-União de Coimbra, 10-1; Amora-Operário, 0-3; Argentino-Alcochetense, 1-0.

No grupo D, os honros foram para o S. L. Castelo Branco. Mas as vitórias dos Covilha-

HANDBALL — O campeonato não desvia a ideia do encontro de Madrid

O campeonato de Lisboa retomou no domingo o seu curso normal, mas não conseguiu, por enquanto, interessar ninguém; divididos os clubes em duas séries, com a natural separação dos mais fortes, a prova não apresenta durante esta primeira fase a menor sombra de emoção.

A Associação — cujos dirigentes não podem ser inculcados, porque no regime actual da organização desportiva trabalham subordinados à vontade dos clubes — não encontrou apoio, ou não teve coragem moral para determinar a imediata constituição de duas divisões, colocando na primeira os seis melhor classificados da época finda, e preferiu uma solução sem nenhuma vantagem e com muitos inconvenientes: os grupos fortes desabilitam-se da luta e os grupos fracos nada lucram com as esmagadoras derrotas que suportam.

Para o público também o campeonato assim calhou mal; depois do êxito do encontro das Salésias contra os madrilenos, que deve logicamente haver conquistado inúmeros adeptos para a modalidade, sucede que estes, se procuram no noticiário da imprensa quaisquer jogos que mereçam a sua presença, nada encontram e desviam-se para outros desportos, ou então ficam desiludidos pelo espectáculo que procuraram.

A verdade é que vamos perder três meses no apuramento dos seis finalistas do torneio, quando de antemão se poderiam designar, apenas com um candidato a mais, o grupo que há-de ficar no final: Cuf, Sporting, Belenenses, Estoril, Benfica, Marvilense ou «Os Treze». Parece-nos muito tempo perdido para tão pouca coisa.

Eis a razão porque afirmamos que esta pouco animadora fase eliminatória do campeonato não consegue desviar do primeiro plano a ideia do jogo a disputar em Madrid, no dia 25 de Fevereiro, sobre cuja importância transcendental não devemos manter ilusões.

Como acontece sempre nas pugnas desportivas de desvelado valor, o encontro das Salésias ofereceu-nos um resultado muito agradável, mas as vantagens foram todas para o adversário. Não tenho dúvidas — disse-mo,

aliás, o próprio seleccionador Jorquera — de que a lição foi aprendida e bem aprendida; a equipa espanhola em Madrid vai dar muito mais que fazer aos nossos representantes.

A preparação do grupo vai prosseguir imediatamente, sob a vigilância e orientação de Acácio Rosa; duas vezes por semana serão os seleccionados obrigados (escrevemos «obrigados» com inteira propriedade) a comparecer às lições de ginástica do professor Fernando Ferreira, obrigação reduzida de metade para aqueles que estão disputando o campeonato regional de «basket». Antes de partirem para Madrid, os componentes da selecção treinam ainda duas vezes na relva das Salésias, aproveitando para um destes galopes de ensaio o feriado de 31 de Janeiro, que muito gostaríamos de ver ocupado pelo Lisboa-Porto, agora de grande êxito assegurado.

O trabalho de escolha vai ser, para a deslocação a Espanha, muito mais ingrato; apenas treze jogadores podem seguir viagem, e isso leva a grande melindre na escolha nos suplentes, que devem ser homens de superior utilidade e não elementos especializados num posto. Confieemos no tacto e no bom senso do nosso seleccionador nacional.

RUGBY — A necessidade de aprender

A inclusão de uma partida amistosa de «rugby», entre o Belenenses e o Sporting, no programa de «handball» Lisboa-Madrid, permitiu-nos assistir à primeira partida da modalidade desde que retomou curso a nova temporada.

Os rapazes de Belém mostraram-se muito superiores, aproveitando todas as ocasiões de marcar que lhe foram deixadas pela «inocência» dos adversários, cuja grande maioria mostrou constante e acentuada relutância por placar como mandam as regras, isto apesar de estarem jogando sobre fôfo tapete de relva.

Pode, sem exagero, afirmar-se que mais de metade dos pontos conseguidos pelos «auzais» não foram a consequência inevitável de jogadas construídas por êles, mas sobretudo o aproveitamento de circunstâncias fortuitas resultantes da fraqueza dos contrários.

Tanto assim é que não houve no meio do terreno uma diferença acentuada de domínio, comparável ao avolumar da pontuação conseguida.

Durante o seguimento da partida, porém, o pormentor que mais nos prendeu a atenção foi a quasi geral ignorância dos jogadores em matéria de leis e a indiferença do árbitro ante os constantes atropelos à regra da deslocação, tanto em jogo aberto como nas formações.

O método de formação do Belenenses, e cito este exemplo por se tratar de um componente da equipa com mais vastas ambições, esperadamente sistematicamente a bola atrás do médio e da formação contrária quando a saída lhe é desfavorável; mal o adversário se baixava para colher a bola, já estava agarrado e incapaz de dar seguimento à jogada. O árbitro nunca interveio, mas a jogada repetida com um juiz severo e competente seria manancial inegavelmente de pontapés livres.

Os jogadores também ignoram que a imobilidade durante o tempo de deslocação não é motivo bastante para poderem intervir logo, imediatamente; e mais, e muito mais.

Enquanto não houver um cuidado de educação técnica dos jogadores, o nosso «rugby» não deixará de ser o que é agora, um desporto para uso interno.

Há-de ser difícil ensinar os actuais e já velhos componentes dos grupos; mas como vai organizar-se um torneio para novos, haveria que os dirigentes das seções comesçassem por algumas lições teóricas sobre interpretação das leis e exigissem dos árbitros a maior severidade na aplicação das mesmas, afim de impedir que os principiantes adquirissem erros funestos na convicção de estarem agindo segundo todos os preceitos.

Sangalhos festeja o 5.º aniversário

Sangalhos Desporto Clube, colectividade de inegável popularidade no desporto do pedal, acaba de comemorar o 5.º aniversário da fundação, para o que organizou um programa de que constaram torneios de «tonnis» de mesa, bilhar, «basketball» e tiro aos pratos, palestra sobre Educação Física, distribuição de prémios e jantar de confraternização e homenagem a José Martins, campeão nacional.

Os Sangalhos as nossas felicitações com os melhores desejos de prosperidades.

nenses e dos «leões» do Covilhã são também tão expressivos que não deixam margem para dúvidas.

O campeão de Évora levou o melhor sobre o de Portalegre. Mas os elvenses, perdendo pelo tangente no campo do adversário, não fizeram descer das suas possibilidades. Nos restantes desfilos houve sensível equilíbrio de forças.

Resultados: Covilhenses-Cebolense, 8-0; S. L. Covilhã-Sporting de Covilhã, 1-5; S. L. Castelo Branco-Albicoresenses, 12-0; Estrela-Lusitano de Évora, 0-0; União de Montemor-S. L. Elvas, 1-0; União de Beja-Luso Sporting, 1-2; Juventude-Portalegreense, 3-2; Louletano-Portimonense, 1-2; Sporting Foreense-Lusitano de Vila Real, 4-2.

ZÉ DO PEÃO

Assine a STADIUM

JOSÉ DE EÇA



na 7ª Jornada

BENFICA

consolidou a sua
"posição de
Leader"



Chaves de todos os modelos
 Perdau-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na **CASA DAS CHAVES**
 da Amadeu Gomes da Fonseca
 da Mouraria, 3 (Frente ao Cinema) Tel. 28059

BELENENSES — SPORTING: Um «goal» — e uma máscara eloqüente de Acácio; 2 — Peyroteo vai resar de cabeça o 2.º tento dos «leões»; 3 — Rafael procura escapar-se à perseguição de Cardoso...; 4 — Acácio e Felisb, num esforço comum, antecipam-se à entrada do voluntarioso Peyroteo. **VITÓRIA (S.) — BENFICA:** 5 — Francisco Feira, em acção; 6 — Gaspar Pinto procura fazer barreira aos avançados setubalenses para facilitar a entrada de...; 7 — Como a objectiva pode focar a beleza do esforço atlético de um jogador de futebol! F. C. PORTO — ACADEMA: 8 — Catolino tenta passar a Lourenço, que se vê em corrida, mas Vasco intervém a tempo; 9 — O 3.º «goal» dos «antares» saiu precisamente deste remate...; 10 — Correia Dias vai marcar o 1.º «goal» do F. C. Porto. **ESTORIL — S. GUEIROS:** 11 — Embora pareça que não, o «encarnado» ganhou na luta pela bola...; 12 — Um «goal» impressionante a atitude resignada de Bandeira...

A MARCA QUE VOU USAR EM CHAPÉU E BONÉS

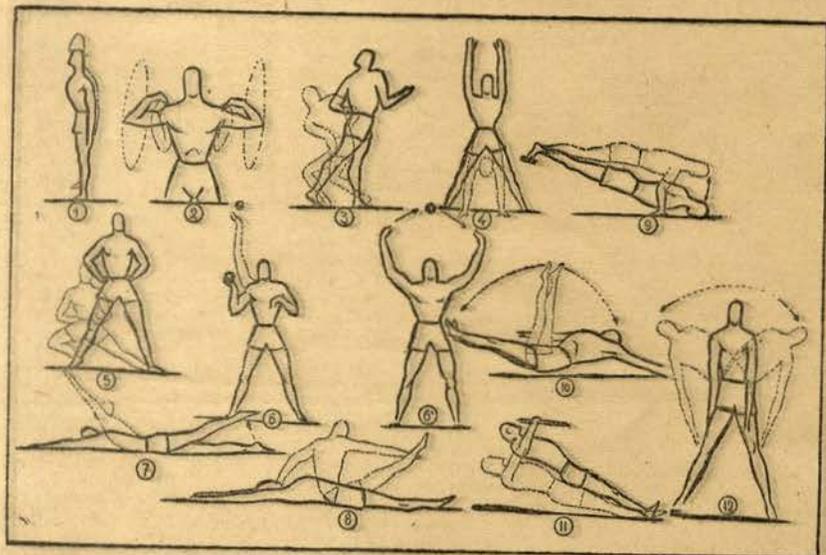
Uma dúzia de exercícios gymnásticos de preparação física...

II — ...para os lançadores do pêso

Aviso prévio: Não se trata aqui de esquemas de lições de gymnástica, mas apenas de uma escolha de alguns entre os muitos exercícios que melhor correspondem às necessidades de preparação física especializada destes atletas.

Também não escrevi estas notas para professores; esses não precisam do meu conselho. Escrevi para os rapazes que trabalham sem assistência de técnico competente e por isso redigi o enunciado dos exercícios fora das regras da terminologia oficial, de maneira a ser compreendido por eles aquilo que pretendo explicar.

SALAZAR CARREIRA



1.º — De pé, pés unidos, mãos na cintura; saltitar sem flectir os joelhos, alternadamente sobre os dois pés, o pé esquerdo e o pé direito (trabalho das articulações do tornozelo).

Progressão: intercalar grandes flexões das pernas mantendo os calcanhares em apoio no solo.

2.º — De pé, mãos nos ombros: circunvoluções dos cotovéis em ambos os sentidos, dando a máxima amplitude ao movimento; primeiro alternada e depois simultaneamente.

3.º — De pé, pernas afastadas, braços em flexão rectângular: rotação do tronco para a esquerda e para a direita, auxiliando com a tração posterior do braço do mesmo lado.

Progressão: aumentar a amplitude da torsão pela rotação da bacia para o mesmo lado e flexão da perna correspondente, a qual, na extensão consecutiva, exerce impulsão activa sobre o solo.

4.º — De pé, pernas afastadas: grande flexão do tronco à frente, tocando duas vezes com as palmas das mãos no solo, e endireitar rapidamente o tronco lançando os braços pela frente até à extensão vertical, mas sem consentir que o tronco acompanhe o movimento dos braços para trás e o ventre avance.

Progressão: o mesmo exercício com os pés unidos; o mesmo exercício mais ainda com insistência para trás no final da elevação dos braços.

5.º — Pernas em grande afastamento lateral, mãos na cintura: grande flexão alternada sobre a perna esquerda e direita.

Progressão: o mesmo exercício suportando um pêso sobre os ombros.

6.º — Exercícios de «jonglage» com o pêso de três quilos: mão no ombro, lançamento na vertical; lançamento de uma para a outra mão; oscilações dos braços estendidos mantendo o pêso na mão; etc.

Progressão: os mesmos exercícios com a esfera de cinco quilos.

7.º — Deitado facial, braços estendidos no prolongamento do tronco, aos lados da cabeça: elevação simultânea do tronco e das pernas estendidas e unidas, lançando os braços para trás sem deixar a cabeça caída para o peito.

Progressão: insistências.

8.º — Deitado dorsal, braços ao longo do corpo: elevação simultânea do tronco e alternadamente da perna esquerda e direita estendida, lançando o braço oposto a cruzar sobre o tornozelo. O outro braço fica pendente à rectaguarda do tronco.

9.º — Em queda facial, pés em apoio sobre um banco: flexões dos braços mantendo o corpo em prancha.

Progressão: o mesmo exercício tomando apoio pelas pontas dos dedos.

10.º — Deitado dorsal, braços em afastamento para os lados e palmas das mãos em apoio no solo, pernas unidas e levantadas à vertical: oscilação simultânea das pernas até tocar o solo alternadamente à esquerda e à direita do corpo. Diligenciar não erguer os ombros do contacto com o solo.

11.º — Em suspensão oblíqua anterior na vedação do campo (mãos em apoio, corpo empranchado por baixo da vedação e pés em apoio no solo): flexões dos braços.

(As mãos devem estar um pouco mais afastadas do que a largura dos ombros).

Progressão: o mesmo exercício em suspensão no ferro lateral da baliza de futebol.

12.º — De pé, pernas afastadas, braços pendentes: flexões laterais do tronco, alternadamente para a esquerda e direita, tocando com a mão do lado da flexão três vezes consecutivas na perna, de cada vez mais abaixo do que na anterior.

○ Lisboa Gymnasio Clube tem incontestada categoria de grande senhor na hierarquia dos institutos nacionais de educação física; como tal, temos de aceitar dos seus dirigentes certas atitudes e maneiras de proceder que, em individualidades responsáveis por qualquer organismo comum e modesto, seriam levadas à conta de falta de cortezia, com as consequentes manifestações de reacção.

Assim, porém, com tão alta estirpe, tudo muda de figura: *noblesse oblige*...

Quando chegámos à porta do Coliseu dos Recreios, na noite de quinta-feira, estava esgotada a bilheteira; e como os organizadores do sarau — do alto das suas soberanas ocupações — não se tinham apercebido da existência de *Stadium* para lhe enviarem as entradas necessárias ao desempenho da missão dos seus fotógrafos e críticos, o embaraço foi grande porque não queríamos falhar — apesar de tudo — ao que consideramos um dever de apreço por uma colectividade cuja obra merece respeito e encómio, independentemente das formas de agir dos seus amnésicos dirigentes.

Por estas razões, o crítico da *Stadium* não pôde assistir ao sarau do Lisboa Gymnasio, mas conseguiu de um espectador amigo e mais feliz as informações posteriores indispensáveis à redacção desta crónica. Se não estiver escrupulosamente exata, os nossos leitores relevarão a falta; inconvenientes de curar por interposta pessoa...

Disseram-nos que a festa do Lisboa Gymnasio foi dignamente representativa do seu trabalho educativo e artistico! O programa comportava, nem mais nem menos, exactamente os mesmos números dos festivais precedentes, mas o público não se cansa de os apreciar e por isso encheu por completo a vasta nave do Coliseu, fazendo-a vibrar com frequência pelo entusiasmo dos seus aplausos.

No desfile de saudação inicial ao sr. Presidente da República, que assomou ao camarote ladeado pelos srs. Ministro das Colónias e Director Geral de Educação Física e Desportos, incorporaram-se cerca de 200 elementos do clube, os mesmos que pela noite adiante sucessivamente se exibiram em exercícios variados.

De todo o programa, segundo o critério do nosso amavel informador, merece realce especial o número de vãos e o bailado rítmico, considerando ainda em particular a apresentação das quatro classes educativas que foram, por assim dizer, a pedra de toque da bela obra pedagógica do clube.

Os vãos à «Codonas» valorizaram-se sobretudo pela renovação da equipa; quando Robalo Gouveia, Teodoro e Rogério Tórrer se apresentaram pela primeira vez, o êxito foi enorme — mas disse-se que o clube aproveitava da colaboração simultânea de três gymnastas excepcionais e, talvez, insubstituíveis. Afinal retiraram-se dois deles — e o grupo reconstituiu-se sem perda de valor aparente; isto demonstra que no Lisboa Gymnasio se faz escola e o clube tem possibilidades de tomar novas iniciativas, diligenciando neste particular a remodelação de um programa clássico, mas que começa a estar já muito visto.

Por tal razão, talvez, as apresentações de gymnástica de aparelhos agradaram menos; excepção feita ao trabalho em barras paralelas, onde Robalo Gouveia, Jan Jansen e João Macedo executaram a primor exercícios muito difíceis, todos os outros — inclusive a mesa alemã — deixaram a impressão de coisa já vista, sem o incitante da surpresa, tão preciso ao desenvolvimento do interesse dos espectadores.

O bailado rítmico, apresentado pelas alunas da professora Ruth Aswin, foi maravilhoso de cor e de movimento, de graça harmónica e de preciosas atitudes. Quando terminou, em todos deixou saudades.

O boxe e o jogo do pau estiveram presen-

(Continua na página seguinte)

Resumo da actividade pugilística em 1944

DE RAFAEL BARRADAS

O ano que acaba de passar à história não foi para o pugilismo nacional uma temporada esplendorosa, de estas que ficam registadas como brilhantes nos fastos do desporto, nem tampouco se pode dizer que houvesse sido época banal e sem lustre. Talvez que, classificando-o de animadora mediania, o juízo assim expresso possa traduzir, com maior justiça, tanto o que nele houve de bom e de mau como aquilo que se fez ou ficou por executar.

A tal respeito, o balanço dos resultados que se registaram proporcionar-nos-á elementos concretos e seguros para uma análise crítica global e pormenorizada.

Em primeiro lugar, registemos a circunstância de não terem sido dirigidas pelo organismo próprio, a que se costuma chamar Federação, as actividades das empresas e dos pugilistas. Uma solução de emergência, que valha a verdade se tem prorrogado demais e sem justificado motivo, não pode satisfazer as instantes necessidades do pugilismo.

Sugeito, ainda, à imperfeita e incompleta regulamentação actual — que o atrofia e subordina a velhas fórmulas — torna-se imperioso organizá-lo, encarando as suas características fundamentais de desporto exclusivamente profissional. Esperemos que o organismo superior do desporto nacional não despreze a oportunidade que se lhe depara e nomeie uma comissão de pessoas idóneas para conduzir durante o ano de 1945 o pugilismo português.

Entretanto, podem ser encarados com optimismo os resultados alcançados durante os doze meses que terminaram. Deve-se, indiscutivelmente, à persistência da Sala Central de Desportos, que procurou organizar com regularidade e sequência espectáculos com nacionais e estrangeiros, a animação registada desde Maio até meados de Novembro. E isto porque os deveres de um empresário não consistem em dar, apenas, três ou quatro sessões, retirando para bastidores por tempo indefinido ou até que o «negócio» justifique outra tentativa. Os pugilistas, e com eles toda a gente que vive profissionalmente do desporto do sócio, estariam mal e seriam sacrificados — condenados a inação prejudicial e incompatível com as suas necessidades materiais.

A continuidade nas organizações é uma das mais úteis e necessárias virtudes dos em-

presários, da qual depende em grande escala a classe, a abundância e o progresso dos pugilistas. Eis o motivo porque o esforço da Sala Central se põe em relevo, sem que por isso devam ser menos consideradas as acções dos restantes empresários que procuraram cumprir.

Pelo lado exclusivamente individual, o ano de 1944 merece mais ampla referência. Assim:

— Todos os campeões nacionais conservaram os seus títulos. Uns, com Beni Levy e Licínio Passos, por não terem posto em disputa os troféus; outros porque os defenderam vitoriosamente: Guedes e França.

— Não houve revelações sensacionais. Apenas a ascensão de Guilherme Martins e, até certo ponto, a de Jorge Larzen.

— Registe-se o afastamento definitivo dos primeiros lugares de Jack Pestana, batido irremediavelmente por António Silva (em 3 assaltos) e por Alfredo de Oliveira (em 5 assaltos).

— Anote-se a falta de pugilistas apreciáveis nas categorias: pesados, médios, levíssimos e mínimos.

Atendendo aos pesos habituais e mais frequentes dos pugilistas profissionais portugueses, levando em conta as probabilidades de figurarem em dada categoria, organizámos as seguintes tabelas e classificações, conforme os resultados de 1944 e as nossas preferências:

Meio-leves: Licínio Passos (campeão); Luis Eugénio Xangai; Eduardo Alves; Alberto Afonso; Kid Levy, António Costa, Lino Domingos, Carlos Leitão e Manuel de Sousa.

Leves: Miguel França (campeão); António Silva; Guilherme Martins; Carlos Wilson; Valente Rocha; Jorge Tafói; Filipe Rebordão; António Mateus; Alfredo de Oliveira, Jack Pes-

tana, Jack Freitas, João Gualdino, Joaquim Zulmiro, Joaquim Teixeira e Henrique Chansa.

Meio-médios: Beni Levy (campeão); Jorge Larzen; Augusto de Sousa; António de Figueiredo; António Cruz Passos e João Pedro Quintino.

Médios: Manuel Braga; Diamantino Gama e João Teixeira.

Meios-pesados: Agostinho Guedes (campeão); Fernando Matos; António Rodrigues, Mário Pereira e José Luiz.

Grupados conforme a relatividade de méritos sômos de parecer que, além dos campeões, podem considerar-se jogadores de 1.ª série os seguintes: Xangai, António Silva, Guilherme Martins, Valente Rocha, Carlos Wilson, Jorge Tafói, Jorge Larzen, Augusto Sousa, António Figueiredo e Fernando Matos. De 2.ª série (A): Eduardo Alves, Alberto Afonso, Rebordão, Mateus, Cruz Passos, Quintino e Manuel Braga. Todos os restantes pertencem à 3.ª série (B). Estabelecemos, assim, dois agrupamentos na 3.ª série, o primeiro dos quais (A) compreende os pugilistas mais competentes do conjunto e que, embora ainda insuficientes para pertencerem à 2.ª série, têm maiores probabilidades de ingressarem nela.

O número de jogadores licenciados durante 1944 foi de 42, mas apenas uns 30 tomaram parte activa e algo frequente nos programas. Registaram-se, em Lisboa, 15 sessões de profissionais (68 combates) e 3 na cidade do Porto. Vieram até Portugal 11 pugilistas espanhóis, um dos quais campeão do país vizinho (Garcia Alvarez).

Quanto ao movimento havido no *clan* dos amadores, registemos o «Torneio de Preparação» e o Campeonato Regional do Sul.

Eis aqui, prezado leitor, um resumo estatístico e ligeiramente analítico do que foi o ano pugilístico de 1944; façamos votos por que o Ano Novo seja mais harmónico, mais progressivo e melhor orientado do que o foi o seu antecedente.

O sarau do LISBOA GYMNASIO

(Continuação da página anterior)

tes sem grande lustre; assistiu-se a um esboço de lição de sócio e a simulacro de combate, sob a direcção do professor Manuel de Matos. Mestre Domingos Miguel fez a sua habitual demonstração de pau com Carlos de Carvalho, mas este — extranhando talvez as dimensões do recinto — calculou mal as distâncias e foi atingido na mão esquerda, ficando completamente desorientado. Ao terminar o assalto nem tinha a noção do lugar onde estava.

As quatro classes de ginnástica agradaram muito ao nosso informador, que nos disse terem sido de nível superior ainda ao habitual. Os pequeninos do professor Alberto Marques Pereira, as senhoras e os homens dirigidos por seu irmão Celestino e os rapazes do curso do professor Curt Johansson exibiram-se com brilhantismo.

Ao espectador amigo, de quem nos servimos para poder falar do sarau, foi esta última classe, a do mestre sueco, a que mais agradou; mas devemos acrescentar que não se trata de um técnico.

O CRÍTICO DA «STADIUM» E O ESPECTADOR AMAVEL (EM COLABORAÇÃO)

O jornal O SÉCULO

completou 65 anos de publicação

ESTE JOU há dias o 65.º aniversário o nosso estimado colega «O Século», jornal a que a causa da educação física e desportos no nosso País deve os mais importantes serviços.

«Stadium», que sempre tem mantido com o brilhante matutino os mais estreitos laços de camaradagem, felicita-o efusivamente e deseja-lhe as maiores prosperidades.

DA VIDA DESPORTIVA

DUAS NOTAS POR SEMANA

NO ESTRANGEIRO

POR telegramas vindos da Suécia chegou a informação de haver sido baixado o tempo «record» da Europa dos 100 metros em natação de costas, sendo o autor da proeza o sueco Borg, com 1 m. 6,4 s.

Esta marca, que figura como terceira na escala mundial, ultrapassada apenas pelos dois americanos Kiefer e Van de Weghe, prova o incremento e os progressos da técnica desportiva naquêles países, que conseguiram manter-se fora do cataclismo bélico que assola o mundo.

Nêste campo, destaca-se a Suécia em primazia; foi primeiro no atletismo, com a acção dos seus fenomenais corredores de meio-junho, que alcançavam tempos nunca imaginados possíveis até ao seu aparecimento; agora, junta-se-lhes um nadador que coloca também o país na vanguarda de outra modalidade desportiva de capital importância.

O noticiário relativo ao novo mínimo de Borg trouxe, por intermédio de uma lista elaborada pelo conhecido jornalista dr. Hernandez Coronado, um certificado interessante e lisonjeiro para os portugueses: no rol dos «records» nacionais de 31 países em 100 metros costas, o tempo de Mário Simas (1 m. 9, s.) figura em 9.º lugar.

Os países que nos precedem são: Estados Unidos (1 m. 2,8 s., Kiefer); Suécia; Alemanha (1 m. 6,8 s., Scholanch); Japão (1 m. 7,2 s., Kiyokawa); Filipinas (1 m. 7,8 s., Adoff); Austrália (1 m. 7,9 s., Oliver); Rússia (1 m. 8 s., Schumm); França (1 m. 8,9 s., Zins).

EM PORTUGAL

O encontro de «handball» disputado entre as selecções de Lisboa e de Madrid alcançou indiscutivelmente um êxito geral, que excedeu toda a expectativa e deve ter surpreendido os próprios dirigentes da simpática modalidade.

Sob o ponto de vista de puro desporto, a exibição técnica dos pupilos de Acácio Rosa foi prestigiosa e causou em todos, entendidos ou leigos, a melhor impressão; quanto aos efeitos de propaganda, não podiam ter sido melhores nem mais animadora a resposta do público ao apelo da arrojada iniciativa.

Se considerarmos o acontecimento no aspecto que possa ter tomado para os nossos adversários, será lógico considerar que uma vez e prontamente passada a amargura da desilusionante derrota, fica para eles uma utilíssima lição, que lhes há-de permitir modificar de seguida erros de compreensão e deficiências técnicas, os quais tardariam muitos anos ainda a evolucionar no bom sentido sem a experiência reveladora dêste continente confronto de processos. Aquilo que nós, os portugueses, tardámos longo período a assimilar e, por assim dizer, a descobrir por intuição própria, adquiriram-no agora os técnicos espanhóis numa tarde de jogo.

Isto confirma em absoluto o bom fundamento e as múltiplas vantagens dos íntimos acordos estabelecidos entre os organismos máximos desportivos das duas nações peninsulares.

XADREZ

O Torneio de Mestres de 1944

A fase de renovação por que está passando o Xadrez desportivo, com influência particularmente reflexível no que respeita à orgânica das provas de competição, constitui um pormenor de primordial importância para o franco desenvolvimento da modalidade.

O que não há muitos anos ainda se consideraria quasi impossível — reunir num torneio uma dezena de jogadores de forças tão equiparáveis e de tal classe — pôde agora ser um facto mercê do esforço coordenado de todos adeptos do jogo. Nessa luta para o engrandecimento e êxito absoluto da causa comum, podemos encontrar, lado a lado, em perfeito entendimento, «velhos» e «novos» xadrezistas, uns firmando a sua dedicação desinteressada ao leme dos destinos



Leonel Pias e João Mário Ribeiro



Dr. Peter Braumann e o Director do torneio, eng. R. Silva

da modalidade, outros dando provas do seu zêlo — todos eles entusiastas e irmanados pelo «fogo sagrado da competição e do espírito desportivo. Nestas circunstâncias óbvio é sublinhar a reconfortante fase de progresso geral, e, em particular, a volta de consagrados amadores, como o dr. Mário Machado e João de Moura, ex-campeões nacionais, ou a participação de jogadores da província em torneios da capital.

Um dos factores que favoreceu o incontestável êxito da primeira grande prova da Federação de Xadrez foi indiscutivelmente o formidável «cartaz» que pode constituir sempre um elenco formado por Carlos Pires, João de Moura, Drs. Mário Machado, Gabriel Ribeiro e Peter Braumann, Rui Mário Ribeiro, Gabriel Russel e João Nascimento e pelos novos Mestres Francisco Lupi e Leonel Pias.

Essa «consagração» é realmente merecida.

Rui Nascimento e Gabriel Russel



Carlos Pires e dr. Gabriel Ribeiro

As carreiras de todos eles, umas já longas, outras curtas, estão repletas de inúmeros triunfos.

Antes de darmos começo aos comentários que oportunamente publicaremos sobre o «Torneio de Mestres de 1944», levámos a efeito, entre os dez jogadores concorrentes, um pequeno inquérito, versando um tema intencionalmente escolhido — e tivemos grande prazer em o ver compreendido e bem aceite por todos.

Qual o jogador estilista mais apreciado entre os xadrezistas nacionais?

O objectivo não foi necessariamente o de simples curiosidade; o seu alcance é mais profundo. A classe dêsses grandes mestres internacionais, como Alekhine, Capablanca, Lasker, Botvinnik, Keres e outros, é tão extraordinária e fascinante que podemos afirmar que representa uma verdadeira escola de estilística — e daí o valor das respostas obtidas, se analisarmos a influência dêste ou daquele estilo no nosso meio xadrezista. A matéria, porém, é demasiado vasta e complexa para ser tratada sem prévio e aturado estudo.

Limitemo-nos, por hoje, a apresentar a idêia, reservando para melhor oportunidade aquêle estudo mais amplo do problema. Eis os resultados do nosso inquérito — as primeiras impres-



Francisco Lupi, dr. M. Machado e João de Moura

A Comissão Permanente para o intercâmbio desportivo entre PORTUGAL e ESPANHA

A Imprensa diária publicou há dias a seguinte notícia:

«Com a aprovação superior, a Delegação Nacional de Desportos de Espanha e a Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar acordaram em criar uma Comissão Permanente de Relações, com o encargo de estudar os problemas relacionados com o intercâmbio desportivo entre os dois países e de apresentar sugestões no sentido de se intensificar essa aproximação.

A Comissão de Relações, que se reunirá alternadamente em Madrid e em Lisboa, é constituída pelos srs. Guilherme Hildebrandt Uraín, chefe do Departamento das Federações Nacionais, como representantes da D. N. D., e dr. José Salazar Carreira, Inspector de Desportos como representante da D. G. E. F. Será presidida, quando reunir em Espanha, pelo delegado nacional dos Desportos, e em Lisboa, pelo director geral de Educação Física.»

A primeira reunião efectuou-se em Lisboa, no dia 30 de Dezembro, e a segunda realizou-se em Madrid, em data a fixar.



Dr. Guillermo Hildebrandt e dr. Salazar Carreira

Rui Nascimento inclina-se mais para o rival do cubano — Alekhine. O dinamismo dos jogadores novos, como Botvinnik e Keres, não o seduz. E que Alekhine... é Alekhine!

João de Moura revela-nos a sua muita admiração pelo falecido Mestre internacional Aaron Nimzovitch, dos mais eminentes precursores da escola moderna do jogo do Xadrez. Sabemos que Moura foi adepto de alguns sistemas de Abertura preconizados pelo inesquecível dinamurguês, nomeadamente a variante Nimzovitch do P. D., e a defesa Holandêsa.

Como o dr. Mário Machado, Moura manifesta o seu apreço por Micael Botvinnik, jogador da moderna geração.

Com de Braumann — esperava-nos uma surpresa. O dinâmico xadrezista do G. X. L. prefere Capablanca a qualquer outro. Mas esclarece: «Admiro Capablanca, como estilista, pela sua convincente simplicidade de concepção».

Francisco Lupi opta abertamente por Botvinnik, o expoente máximo da moderna escola do Ataque. Julgamos que o jovem campeão de Lisboa se esforça por seguir na pegada do grande estrategista dos escaques — guardadas as distâncias, claro está...

Leonel Pias é grande admirador da classe de Alekhine; como estilista, porém, vai por Keres, o homem das combinações geniais e revolucionárias, que, segundo se crê, só vacila diante do campeão mundial.

João Mário Ribeiro, o jovem Mestre portuense, e pronuncia-se também a favor de Alekhine. E não admite objecções!...

VASCO C. SANTOS

UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Arafala, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.^a tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur». Note bem, nesta casa en-

A activa vila do Montijo — antiga Aldegalga do Ribatejo — esteve em festa no primeiro do ano. Foi uma festa desportiva, agradável, boa jornada de propaganda, durante a qual se pôde apreciar um belo sentido de camaradagem entre gente do desporto e pôr em relêvo a valiosa acção da Câmara Municipal em prol do desporto — aspecto que merece ser salientado em particular nas cerimónias a que fomos assistir ao Montijo.

É realmente de inegável importância, para a boa propaganda e incremento do desporto na província, a colaboração dos municípios — ajudando os clubes nas suas aspirações e contribuindo com o apoio material para que alguns dos belos projectos das colectividades desportivas possam ter viabilidade.

A Câmara Municipal do Montijo, no desenvolvimento da sua acção para progresso do concelho, vai também amparando a causa da Educação Física. Honra lhe seja feita — já que o exemplo não é muito vulgar.

O Montijo tem dois clubes de futebol: o Aldegalense Sport, com 35 anos de vida desportiva, e o Onze Unidos. As duas colectividades honram a terra. Neste momento, o primeiro está em franca actividade e procura materializar uma série valiosa de projectos, que muito beneficiará o seu desenvolvimento e o desporto local.

Com dedicação e muito entusiasmo, a comissão de melhoramentos, presidida pelo sr. engenheiro Alexandre Moreira, está a trabalhar para conseguir para o simpático clube boa soma de benefícios. O campo atlético tem-lhe merecido os primeiros cuidados — e assim foi inaugurado uma elegante bancada de cimento, com camarotes instalados na parte central.

O melhoramento teve inauguração solene e festiva. Aproveitando a oportunidade de ter vindo a Lisboa jogar com o Sporting, o Vitória de Guimarães acedeu em visitar o Montijo. Recepção magni-

Durante a sessão solene na Câmara Municipal.



fica. Muito povo logo na ponte-cápis, acompanhando os directores do clube, com o sr. dr. Jorge Antunes, montijense dedicado e membro da Associação de Futebol de Braga.

Os desportistas vimaranenses ouviram logo os aplausos calorosos da população — tradicionalmente hospitaleira. E não lhes passou despercebida a larga tira de pano que atravessava uma das principais ruas da vila, com a expressiva legenda: «O Montijo saúda Guimarães»...

Houve recepção de boas vindas nos Passos do Concelho, durante a qual Stadium, por intermédio do nosso camar: da Fernando

de Sá, teve o prazer de saudar o Aldegalense, felicitando-o pelo seu progresso; de pôr em foco quanto pode ser transcendente para a causa da Educação Física a acção dos Municípios, desde que estes se inspirem no exemplo do Montijo; e de sublinhar o simpático gesto de camaradagem que envolvia a visita do Vitória de Guimarães.

A inauguração das novas bancadas teve-se de certa solenidade. O sr. presidente da Câmara, que representava também o chefe do distrito de Setúbal, fazia-se acompanhar da vereação. Entre os convidados estavam figuras de prestígio no desporto nacional: os srs. drs. Bento Coelho da Rocha, Vergílio Paula e Faço Viana, da Federação de Futebol, representantes das associações de Setúbal e do Algarve e diversos representantes da Imprensa.

Após os discursos da praxe — falaram os srs. drs. Bento Coelho da Rocha e Jorge Antunes e Raul de Oliveira, director de «Os Sports» — o sr. António Marques, presidente do Montijo, procedeu ao corte da fita simbólica e considerou inauguradas as bancadas em nome do Governo da Nação e no do sr. governador civil de Setúbal.

O encontro de futebol entre aldegalenses e vimaranenses, os primeiros treinados por António Palhinhas, foi entusiástico e encerrou da melhor maneira este dia desportiva no Montijo — pronúncio da excelente actividade que promete o Aldegalense Sport Clube, com os belos projectos de construir uma sede própria e obter outros melhoramentos no campo, como seja a construção de um ginásio e de novos balneários. A par disto, quer o clube pôr em actividade secções de «basket», «volleyball» e todos os desportos náuticos.

Isto significa que o desporto no Montijo caminha bem amparado pelas entidades locais — e pelo enorme entusiasmo dos seus elementos activos.

O team do Aldegalense, que venceu o Vitória de Guimarães



A nossa gravura mostra o grupo de convivas no banquete de homenagem aos desportistas madrilenos que estiveram entre nós. Neste banquete ouviram-se afirmações do maior interesse para as relações desportivas luso-espanholas. Falaram: Aníbal Marques, pela A. H. L.; Acácio Ross, como seleccionador; José Fontes, pela Federação; o nosso camarada Avelar Machado, em nome dos jornalistas desportivos presentes; D. Emilio Suarez, presidente da Federação Espanhola; D. Guillermo Hildebrand, do Concelho Nacional de Desportos de Espanha; e dr. Salazar Carreira, inspector de Desportos da D. G. D.

Na noite seguinte, os nossos amigos espanhóis tiveram uma despedida afectuosíssima, à qual compareceram inúmeras individualidades de representação no meio desportivo

Uma simpática festa de homenagem aos jogadores madrilenos de «Handball»



O "hockey" em campo — uma modalidade em franco progresso!

ONZE equipas de 1.^ª categoria e nove de 2.^ª, formadas pelo total de 220 praticantes, estão presentemente a disputar, com largo entusiasmo, o campeonato regional, agora com as jornadas da primeira volta prestes a terminarem. Os números são bem ilucidativos da prodigiosa actividade que se nota, entre nós, no «hockey» em campo—modalidade de que o Pôrto é, sem dúvida, o primeiro centro do País.

Sem alardes, sem publicidades espalhafatosas, os dinâmicos dirigentes da respectiva Associação Regional têm desenvolvido acertada propaganda do desporto em cause—e os resultados, bem concludentes, estão à vista. Todos os domingos, pela manhã, nos campos do Pôrto, Gaia, Matosinhos e Espinho, movimentam-se mais de duas centenas de desportistas, que na prática do «seu» jogo fazem desporto—e de tal forma que pode dizer-se ser, no Pôrto, o «hockey» em campo uma das modalidades mais progressivas!

Tudo este ambiente foi possível, porém, graças à incansável dedicação dos dirigentes regionais, ao magnífico carinho dos clubes e à insistente campanha, na imprensa, do nosso camarada Mário Dias—o único, durante muito tempo, a baloiçar gloriosamente pela causa...

Técnicamente, e como é lógico, dado o ambiente de que a modalidade desfruta, tem-se verificado o melhor aproveitável. Com prudência, orientando-se mais pela intuição do que pelos conselhos dos «mestres» autorizados—que aliás não temos, infelizmente—os nossos praticantes mostram louvável força de vontade em assimilar os segredos da técnica, que vão procurar descobrir ao cinema e às publicações estrangeiras. Mercê desse interesse, dispomos já de meia-dúzia de equipas capazes de nos honrar em qualquer parte onde actuem. O último F. C. do Pôrto—Vigoroso, por exemplo, decorreu de maneira a confirmar em absoluto o que afirmamos. Jogou-se bem, chegou-se mesmo à perfeição.

Relativas ao campeonato regional, que está a disputar-se, as nossas impressões não podem ser mais agradáveis. De maneira geral, os jogos têm decorrido em ambiente de puro desportivismo e de emocionante equilíbrio. Faltem três jornadas para concluir a 1.^ª volta da prova de 1.^ª categoria, e cinco equipas, das onze concorrentes, encontram-se ainda em condições de conquistar o título: F. C. do Pôrto, Boavista, Vigorosa, Ramaldense e Académico. Isto diz do interesse que está reservado à disputa da 2.^ª volta...

Em 2.^ª categoria, o título deve decidir-se entre o Ramaldense, Leixões, Boavista, Académico e Villanovense—cinco das nove equipas concorrentes, o que quer dizer que também nesta categoria se nota agradável equilíbrio.

Deste equilíbrio e do entusiástico interesse de todos—dirigentes, clubes e praticantes—é que ressalta o magnífico ambiente que o «hockey» em campo tem no Pôrto.

EDUARDO SOARES

Stadium

na Capital do Norte

DEPOIS DA PROVA DE «CORTA-MATO»,

o Torneio de «Volleyball»

outra organização da «Stadium»
em favor do desporto portuense

A segunda organização da nossa revista em favor do desporto portuense está a merecer o melhor carinho por parte dos clubes e da respectiva Associação Regional e registou já número apreciável de inscrições. Mais de duas centenas de praticantes vão disputar o torneio—o que prova o interesse com que foi recebida a nossa iniciativa.

Como temos dito, as inscrições, absolutamente gratuitas, podem fazer-se até ao dia 25, começando a disputa do Torneio no dia 20, sob o regulamento que veio publicado na Stadium de 13 de Dezembro (N.º 106).

Tudo se conjuga para que a nossa iniciativa alcance invulgar brilhantismo, tanto mais que nos clubes se deu já comêço aos respectivos torneios de preparação.

Quere dizer: coube à Stadium abrir a época de atletismo de inverno, no Pôrto, e caber-lhe-á, igualmente, abrir também a de «volleyball». Só por isto, fica demonstrado o nosso interesse em servir o desporto portuense.

Resta-nos a consolação de verificar que os nossos propósitos têm sido bem compreendidos. Isto nos basta.

No próximo número anunciaremos os locais onde o Torneio será disputado, assim como outros pormenores da organização.

A figura da semana

XII

Arnaldo Xavier

ENTRE os praticantes de vólei que têm dado ao «handball» portuense prestígio e classe, conta-se, sem sombra de dúvida, Arnaldo João de Azevedo Xavier—figura de desportista modelar e de atleta dedicado à sua modalidade e ao seu clube, o Vigorosa.

Várias vezes seleccionado para o grupo representativo da nossa cidade, Arnaldo Xavier soube sempre comportar-se de maneira brilhante e de forma a merecer a escolha para o ingrato lugar de «interior-direito», onde teve exhibições de indiscutível brilhantismo.

O seu nome, porém, não vale, no «handball» portuense, só pelas qualidades técnicas, mas também, e em especial, pela correcção que o atleta tem pôsto sempre na luta, abstendo-se de entradas violentas ou gestos desabridos—precisamente porque é um «desportista».

Dedicado ao «seu» Vigorosa, Arnaldo Xavier já mais deixou tentar-se por propostas de enapotoado profissionalismo—e manteve firme o brio clubista, mesmo nos momentos difíceis por que passou o team em que alinha. Indiferente às efêmeras glórias do triunfo, encarando a derrota e a vitória com o mesmo sorriso, Xavier soube sempre trilhar o melhor caminho—e por isso a sua figura de desportista mereceu a simpatia geral, por isso o Vigorosa tem orgulho no seu dedicado e valoroso sócio!

NOTAS DA SEMANA

Aprumo e cortezia

A actuação de Augusto Pacheco, o juiz de campo no encontro Pôrto-Benfica, foi recebida por muitos dos assistentes com um sorriso de moço ou um ar de superioridade. É que Augusto Pacheco, a par de ter feito uma arbitragem quasi perfeita—houve ligeiros senões mas que não a deslustram—foi de correcção e aprumo que poucas vezes temos visto. Sabendo impor a sua autoridade, sem gestos para a «galéria», disciplina de tal maneira o jogo que até mostrou a inteligência de compreender o momento especial que viviam as duas equipas.

O pormenor do apêto de mão aos jogadores, quando os reprendia ou os forçava a um dever de cortezia, mal compreendido por grande parte da assistência, teve para nós o condão de revelar um árbitro que entende o desporto. É que tal gesto significava que, cessado o efeito que motivava a admoestação, continuavam em presença dois desportistas e nada mais.

Foi uma lição e um exemplo: lição para aqueles jogadores que gostam de pontapear a bola depois de ter soado o apito do árbitro; exemplo para os restantes juizes, mostrando-lhes, sem grandes gestos, que um jogo difícil como o Pôrto-Benfica chegou ao fim sem «desgostos».

Esteve no campo um árbitro com autoridade!

Juniões do «handball»

Parece que este ano iremos ter, finalmente, qualquer coisa de novo nesta modalidade. Tem-se falado bastante sobre a preparação de elementos jovens no «handball», de forma a poderem, num futuro próximo, reforçar os primeiros grupos e substituir elementos que estão a precisar de «reforma».

Não se compreende esta apatia numa modalidade que tem vontade de singrar. Bom será que as informações que nos chegam sejam concretizadas, com provelho para todos—e em especial para a modalidade.

A lição do passado ficou como exemplo...

Coube-nos a honrosa missão de elaborar o calendário de provas para os meses de actividade que a Direcção Geral de Desportos determinava. Ponderámos a razão forte dos dois anos de inactividade e auscultámos as possibilidades do meio; do estudo a que nos voltámos sei o nosso trabalho—modesto embora, mas produzido no firme propósito de trazer alguma coisa de útil ao nosso atletismo.

O referido calendário, aprovado oficialmente, ficou assim elaborado: Janeiro, 7—«Corta-Mato» da Stadium; 14, «Corta-Mato» do Operário; 21, «Corta-Mato» de Abertura; 31, Prova de «sleeple-chase», no intervalo do jogo de futebol Pôrto-Galiza; Fevereiro, 4—Campeonato Regional de Estreantes; 18, idem de Principiantes; 25, idem de Juniores; Março, 4, idem de Seniores; 18, «Corta-Mato» de 4 corredores; 25, «Grande Prémio»; Abril 1, Legua do A. P. A.

E. S.

ATLETISMO

Magníficas perspectivas para a nova época...

SE 1944 marcou como o ano do ressurgimento do nosso atletismo puro, 1945 prepara-se, a avaliar pelos dados que nos são actualmente fornecidos, para marcar como sendo o do ressurgimento do nosso atletismo de inverno. Para que assim seja, clubes e praticantes encontraram já da parte da A. P. A. o melhor incentivo, com a elaboração do respectivo calendário de provas. Isto é: da entidade dirigente—como naturalmente devia suceder, mas infelizmente há muito não sucedia...—apareceu a primeira iniciativa. Resta agora que os clubes a saibam compreender—compreendendo!

Já em obediência a esse calendário de provas se realizou no último domingo a prova da Stadium. Coube por isso à nossa revista o inicialve de marcar, com uma organização sua, o ressurgimento, entre nós, das salutares corridas de «corta-mato», que no Pôrto não se disputavam há dois anos. Outras vão seguir-se e oxalá que lódes elas mantenham o mesmo bom impressão.

Mas há motivos de sobre para confiar que assim seja. Os clubes estão a trabalhar com entusiasmo—e este agradável facto garante o êxito.

Depois de dois anos de deplorável inactividade, o «corta-mato» vai ter a sua época—uma época completa de três meses, ocupada por um calendário que me eceu já a aprovação oficial. E o Pôrto, ao tomar esta iniciativa—a primeira entre lódas as Associações Regionais do País—deu claramente a perceber o interesse que tem em fazer ressurgir a modalidade.

O Grande Campeonato

(Continuação da página 6)

A ecção dos estudantes sobre—Estoril mantem os seus créditos—A dificuldade de Benlhevai

Os estudantes têm um grupo em renovação. A sua defesa já está mais sólida e a linha da frente adquire prestígio. Dado o entusiasmo que os estudantes põem na luta, uma das suas qualidades mais notáveis é de calcular a dificuldade que representará, no futuro, o grupo da Académica.

Vencer o Pôrto, no Lima, constitui uma honra. Ganhar, não por acaso, mas com melhor organização, representa mais alguma coisa. Os estudantes organizaram bem os seus avanços, com a bola rente ao terreno, e no período em que tiveram de se empregar na defesa fizeram-no com segurança. Certo, os portuenses facilitaram essa sua tarefa, levantando a bola. Mas tal não diminui o mérito das linhas defensivas de Coimbra.

O Pôrto, ainda que com os atenuantes da falta de vários titulares, desentou-se mais do que o que seria de admitir. Foi patente, sobretudo, o desentendimento ou a falta da colaboração entre médios e avançados, deixando um campo de manobra fácil para o adversário.

O Estoril derrotou o Salgueiros. Naturalmente, o grupo, agora um período em que jogou bem, não mostrou o entendimento devido, dizendo-nos que está a passar, possivelmente, por uma crise de forma. É certo que a facilidade dos desafios, isto é, o desnível entre os dois grupos, não condiz, normalmente, ao bom jogo, porque o grupo mais forte se desinteressa da partida. Entretanto, a linha atacante do Estoril precisa de e ordenar melhor os seus esforços, já que a defesa se mostra segura e forte.

O Olhanense, embora vencido em Benlhevai, não saía diminuído do campo. Pelo contrário. Mostrou a sua capacidade de jogo. Boa organização geral; velocidade em todos os sistemas; vivacidade no ataque; e energia na defesa.

O Vitória (Guimarães) suportou o embate dos algarvios, atacando com decisão e não se perdendo em hiligranas. Engodo pela beleza. O último quarto de hora transformou-se numa das lutas mais emocionantes que se têm desenvolvido em Guimarães.

NO PÔRTO

O "corta-mato" da STADIUM

atingiu excepcional brilhantismo e serviu belamente a propaganda de especialidade

O S. C. Salgueiros ganhou a taça «Joaquim Moreira Júnior» e António Bernardo da Silva, do mesmo clube, foi o vencedor individual.

TEMOS razão de sobra para estar satisfeitos. As nossas iniciativas em favor do desporto portuense estão a ser bem compreendidas e de todos os lados nos chegam aplausos e ofertas de preciosa colaboração. E que assim é, prova-o o nosso "corta-mato", realizado no domingo, nas Cavadas.

Da A. P. A., do incansável Moreira Júnior e do Vigorosa, representado na pessoa do nosso bom amigo António Figueiredo — de todos só encontramos boa vontade em nos prestar a sua valiosa colaboração. Foi ela que permitiu que a prova alcançasse retumbante êxito.

Os clubes — Pôrto, Académico e Salgueiros (só faltou, dos especialistas, o Operário, por motivos alheios à sua vontade) fizeram-se representar por inúmeras equipas, recheadas de gente nova, que deu boa conta de si.

O Salgueiros foi o clube que melhor classificou dez atletas. Vitória indiscutível e brilhante. F. C. do Pôrto e Académico classificaram-se em harmonia com o seu valor.

Individualmente, Bernardo da Silva venceu bem, mas Artur Fernandes e Coutinho Monteiro foram bons adversários.

Por agora, o espaço não nos permite longos comentários, que somos obrigados a deixar para o próximo número.

As classificações:
Individual: 1.º, António Bernardo da Silva, Salgueiros, 10m. 40. 5/5; 2.º, Artur Fernandes, F. C. do Pôrto; 3.º, Francisco Coutinho Monteiro, Académico; 4.º, Eliso Silva, Salgueiros; 5.º, Carlos Miranda, F. C. do Pôrto; 6.º, Leonel Silva, idem; 7.º, Pôrto Santos, Salgueiros; 8.º, António Lopes, F. C. do Pôrto; 9.º, Armando Leitão, idem; 10.º, José Oliveira, Salgueiros. Chegaram depois, Albino Silva, Adolfo Meireles, Albino Neves, José Reis, José Seixas, José Beato, Delim Pereira, Manuel Pereira, Samuel Magalhães, Manuel Janeiro, Jorge Morais, Manuel Silva, Benjamin Martins, Fernando Monteiro, Aquilino Morgado, José Silva Santos, António Martins, César Alves, Francisco Sousa, António Vieira, António Coutinho, Alves de Sousa, Américo Peixoto e Gaspar Sousa.

Inscreram-se 42 atletas, alinharam 50 e chegaram 34. **Colectiva:** Taça «Joaquim Moreira Júnior», para o Salgueiros (1.º, 4.º, 7.º, 10.º, 11.º, 15.º, 18.º, 20.º, 21.º e 24.º), 131 pontos; 2.º, F. C. do Pôrto (2.º, 5.º, 6.º, 8.º, 9.º, 14.º, 22.º, 26.º, 29.º e 30.º), 131; 3.º, Académico, 163. No final da prova, Joaquim Moreira Jr., fez reunir em sua casa os membros do júri, os dirigentes da A. P. A. e o representante da Stadium — aos quais teve a amabilidade de oferecer um «Pôrto de Honra», que deu motivo a breves afirmações do nosso camarada Eduardo Soares, de Teodomiro Argente Júnior, de António Reis, de Ventura Araújo e de Roberto Machado — existindo-se o valor das desinteressadas iniciativas da Stadium, a acção de sempre do incansável Moreira Júnior e o esforço dos dinâmicos dirigentes da A. P. A.

* **Sábado, na «Casa da Mocidade», Roberto Machado, o nosso prezado camarada e prestígio técnico, proferiu uma conferência sob o tema «O atletismo e suas vantagens».**

Casa de repouso para atletas do BENFICA

(Continuação da pag. 2)

Coelho, maestro de magníficas qualidades. Por parte dos artistas que podem prestar a sua cooperação, aprez-me colocar em relevo Maria Sidónio, a distinta artista de rádio e teatro, Eugénio Salvador, bailarino e actor de excelentes recursos e antigo ponta esquerda da categoria de honra em futebol, e António Gonçalves, também em destaque nos últimos tempos e que foi corredor e campeão de meio-fundo, em atletismo.

«Estes são os nomes que posso citar de memória, numa evocação rápida entre os que têm dado ao clube provas reiteradas de simpatia, quando não lhe prestaram serviços notáveis como atletas e dirigentes. Tudo isto contribui para tornar viável a ideia da revista teatral.

AS PRIMEIRAS OFERTAS

—O programa é, pois, vasto—acentuou Rebelo da Silva.

«Mas o ambiente de simpatia começa a revelar-se com exuberância. A Stadium dispensou-nos, espontaneamente, referências bastante amáveis. E apareceram sócios a oferecer terrenos — dois deles em Albarraque, perto de Sintra, próximo portanto das praias de Cascais, Estoril e Praia das Maças; e outro, de João Inácio, que acompanha o Benfica há anos em condições especiais de boa camaradagem, para o Úrsal, entre Mafra e Ericeira, também perto de uma praia.

«Um sócio contribuiu já com 500\$00, de uma só vez; outro oferece um relógio; e há oferta de um aparelho de T. S. F.. A manifestação de aplauso mais sugestiva é, no entanto, representada pela carta de um sócio do Sporting Clube de Portugal, a felicitar a Comissão de Iniciativa e Propaganda e a expressar o seu desejo de que outros clubes sigam o exemplo dado pelo Sport Lisboa e Benfica.

UM CONCURSO DE PROGNÓSTICOS

—Está em execução, para começar brevemente, um concurso de prognósticos sobre os resultados do Benfica no Campeonato Nacional de futebol (resultado no intervalo, resultado no fim do encontro e marcador do último «goal» com prémios em viagens para assistir a jogos em Guimarães, Olhão, Pôrto e Coimbra.

«O sr. Artur de Brito oferece prémios para sorteios nos festivais que sejam organizados.

«A ideia está posta em marcha; e a marcha prossegue em condições lisongueiras para o clube. Por nossa parte, esperamos que triunfe completamente, como obra que dignificaria ao mesmo tempo o Benfica e o desporto!»

Esta afirmação fica excelentemente como fecho para a entrevista. Antes, porém, é dever nosso agradecer a Rebelo da Silva a gentileza com que nos recebeu.

MARIO DE OLIVEIRA

O campeonato de «Juniors», da A. F. L.

Balanco da 1.ª jornada

PRINCIPIOU no último domingo, sob os melhores auspícios, o campeonato de «juniors» da Associação de Futebol de Lisboa.

Nunca esta prova reuniu tão elevado número de concorrentes—nada menos de três, dada a desistência do Marvilense, importa salientar o facto como testemunho iniludível de que os clubes estão a entrar no melhor caminho, isto é, se resolveram, finalmente, a preparar gente nova.

O campeonato de 1943-45 vai decerto desenrolar-se com crescente interesse e entusiasmo. Aparte o resultado feito pela equipa A do Benfica—clube que detém o título, ganhou brilhantemente em 1943-44, nenhum outro concorrente obteve margem folgada, que permita pensar em desnível acentuado de valores.

Os resultados da primeira jornada foram os seguintes:

Série A: Atlético, 2 — Parede, 0; C. U. F., 4 — Pago de Arcos, 3; Estoril, 1 — Oeiras, 1; Cascais, 0 — Belenenses (B), 3.

Série B: Palmense, 0 — Cascalheira, 0; Casa Pia, 4 — Arroios, 1; Benfica (A), 11 — Desp. Operário, 0; O Sporting marcou pontos por f. c. do Futebol Benfica.

Série C: Belenenses (A), 1 — Fostoros, 1; Chelsea, 2 — Operário, 0; Sacavenense, 2 — Benfica (B), 3. O grupo Desportivo da C. P. marcou pontos por desistência do Marvilense.

Na série A ficaram à frente três equipas de clubes da Divisão principal da A. F. L. O facto não surpreende, tal como não admira que os «azuis» tenham alcançado um resultado expressivo. De um clube que apresenta duas equipas, tem, fatalmente, de pensar-se que está bem apetrechado para a luta. Depois do Belenenses foi o Atlético o vencedor mais folgado. O clube de Alcantara tem tradições na prova e não quis desmentilá-las. Dos outros dois desafios, pode pensar-se em nivelamento de valores.

Pelo que respecta à série B, os concorrentes da equipa A mantiveram os créditos de campeões. Um resultado tão expressivo dispensa comentários. A vitória do Casa Pia, desconhecido o valor do adversário, carece de confirmação. Os avançados do Palmense e do Cascalheira mostraram-se pouco realizadores. Para se falar dos «leões» é preciso deixar passar uma semana.

Lamentável que o Futebol Benfica não tivesse regularizado a tempo a inscrição dos seus jogadores.

Na série C, o empate que o Fostoros impôs ao Belenenses, no campo deste, não pode deixar de merecer uma referência. É, pelo menos, um aviso para os futuros adversários dos marvilenses...

O Chelsea e o Benfica B tiveram adversários difíceis, capazes de muito contribuir para o interesse da poule. —D. D.

BOXE no Coliseu

(Continuação da página 4)

ponto débil. Mas, desta feita, Rocha abandonou porque sabia não ter fôlego para aguentar todos os assaltos e estava sendo socado com dureza...

Valente Rocha é, sem dúvida, o mais hábil e vistoso dos pugilistas nacionais, mas não passa de um jogador para meia dúzia de assaltos, quando muito, o que é pena, evidentemente...

Raul de Oliveira e Gualindo, ambos passos leves, combateram encorajadamente mas, sem está-lhe, cabendo a vitória a Raul, ao 8.º assalto, por pontos. A abrir, Souza II empatou com Joaquim Teixeira.

O cargo de delegado da D. G. E. F. D.

Junto do boxe profissional

Consta que, devido às suas ocupações profissionais, abandonará brevemente o cargo de delegado da Direcção Geral de Desportos junto do pugilismo profissional o nosso prezado colaborador Rafael Barradas.

Sr. desportista!!

O uso do tabaco é um vício dos mais prejudiciais. Os seus terríveis efeitos opõem-se ao vigoramento do físico e tornam os inaptos e incapazes para as práticas e competições desportivas. Combata-o eficazmente com o

Elixir anti-fumante

Frasco 5\$00

Pelo correio 7\$00

À venda: em Lisboa, SIR, rua dos Fanqueiros, 262, 2.º, dt.º; no Pôrto, Azevedo & Morgado, Limitada, rua Mouzinho da Silveira, 262.

Ano III—Lisboa, 10 de Janeiro de 1945—II Série—N.º 110

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
TELEFONE 5 1146—LISBOA
Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA.—LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

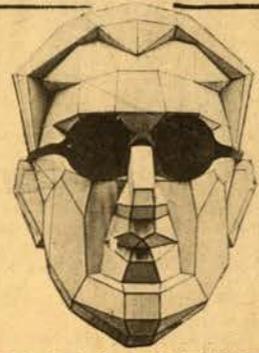
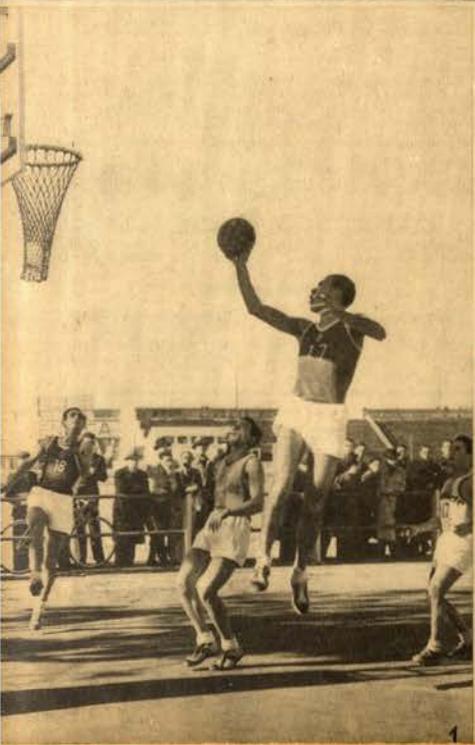


1 — O vencedor individual em plena prova;
 2 — A equipa do Salgueiros, que conquistou a taça «Joaquim Moreira Jor», com o homenagem; 3 — O grupo de concorrentes também com Moreira Jor.



O DOMINGO DESPORTIVO EM LISBOA

Basket-ball: 1 — Fase do jogo das 2.ª categorias entre Benfica e Carnide; Futebol: 2 e 3 — Instantâneos colhidos no encontro de júniores Benfica-Operário.



POUPE A SUA VISTA!
 Use só lentes de 1.ª qualidade
**Binóculos, Barómetros.
 Bússulas de marcha, etc.**

Casa especializada — Fundada em 1866

GIL OCULISTA

TELEFONE 2 2829 — 138, Rua da Prata, 140